REVISTA BZZZ

ANO 8 | Nº 101 | MARÇO/ABRIL 2022

UCRANIANOS EM NATAL

A HISTÓRIA DOS JUDEUS NA CAPITAL POTIGUAR REMETE A 1911, COM A CHEGADA DE TOBIAS PALATNIK

TVU-50

O OUSADO CIENTISTA QUE COLOCOU NO AR A ÚNICA EMISSORA GERADORA DE TELEVISÃO EM CANAL ABERTO NO RN POR 15 ANOS

ALDO PARISOT

NATALENSE QUE FOI O MAIS PERFEITO VIOLONCELISTA DO MUNDO

IGREJA DOMINADA

DE CAPELA ONDE FOI CELEBRADA A MISSA DE FUNDAÇÃO DE NATAL, A ANTIGA CATEDRAL UM DIA FOI CONVERTIDA EM TEMPLO CALVINISTA

REFENO

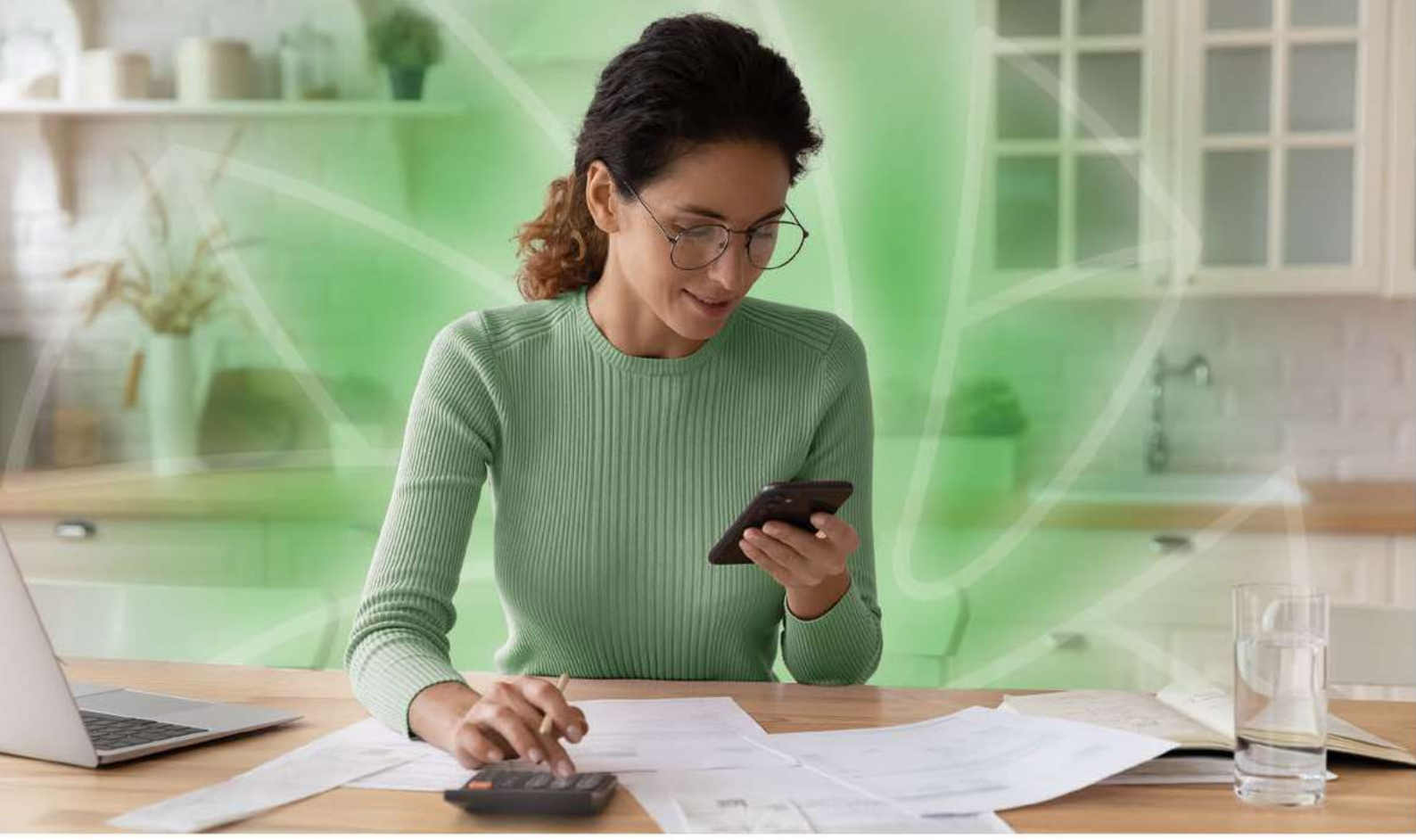
A MANOBRA FOI POR ÁGUA ABAIXO

RELÍQUIAS

PROJETO QUE RETRATA EM BELAS FOTOS O BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

PÓDIO DE LUXO

O EMPRESÁRIO ABÍLIO OLIVEIRA SONHOU SER O POLE POSITION COM A VENDA DE CARROS DE LUXO. REALIZAÇÃO QUE JÁ VIVE AOS 40 ANOS DE IDADE. A EMPRESA FAMILIAR PG PRIME CHEGOU AO PÓDIO COMO A MAIOR CONCESSIONÁRIA DE AUTOMÓVEIS PREMIUM DO NORDESTE



Com a parceria da Sicredi, é mais prático e fácil fazer a declaração do

IRPF.

Consulte seu informe de rendimentos em nossos canais, ou para outros informes, fale com o seu gerente.

Ao declarar o **IRPF**, e em todos os momentos, você conta com a nossa parceria para deixar tudo mais prático e fácil.

Já pensou em receber a restituição do imposto de renda direto na sua conta-corrente?

Acesse o informe de rendimentos através dos nossos canais.

- Antecipe a restituição e realize seus objetivos quando quiser.
- Receba a sua restituição direto na Conta Sicredi.
- Pague o imposto via internet banking, aplicativo ou débito automático.

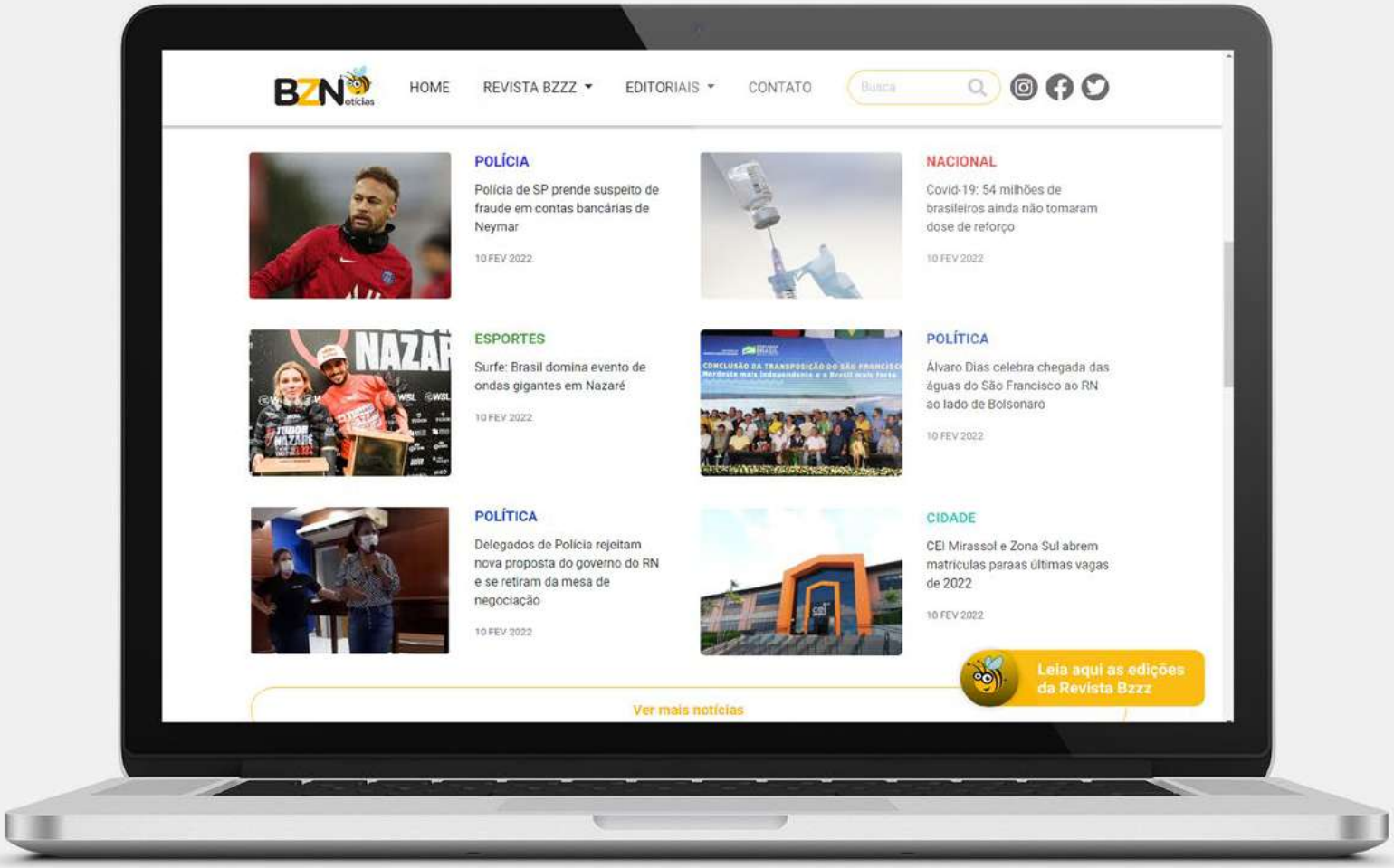
Saiba mais em
sicredi.com.br/irpf

Siga nossas redes:
@sicrediriograndedonorte

SAC - 0800 724 7220
Deficientes Auditivos ou de Fala - 0800 724 0525
Ouvidoria - 0800 646 2519

Sicredi

www.bznoticias.com.br



COLMEIA DE NOTÍCIAS

No nosso site BZN você fica informado com as notícias diárias e também pode acessar todas as edições da REVISTA BZZZ.

@revistabzzz

@revistabzzz

bznnoticias

Revista Bzzz

A Carteira de Estudante 2022 Tá ON

Com ela você só tem a ganhar!

Meia passagem nos ônibus de Natal

Meia entrada nos eventos da cidade

Clube de Descontos NatalCard
(saúde, lazer,educação, estética e muito mais)

Faça já a sua!

Valor: R$ 30,00

POSTOS NATALCARD
(ZONA SUL OU ZONA NORTE)
(RECEBA NA HORA)

PEÇA JÁ A SUA PELO APP MEU NATALCARD
(RECEBA EM CASA)
Disponível no Google Play
Baixar na App Store

PORTAL DO ESTUDANTE NATAL
(PORTALDOESTUDANTE NATAL.COM.BR)

Valor:
R$ 30,00

(84) **99179-7541**

NatalCard
Tecnologia em nosso caminho

natalcard **natalcard**.com.br

ÍNDICE

62

68

• FAVO •

ELIANA LIMA

elianalima@portaldoabelhinha.com.br

CEARÁ EM LISBOA

Toda vez que eu seguia a pé para as aulas do mestrado em Filosofia Política na Universidade Nova de Lisboa (FCSH), um edifício em obras me chamava atenção na esquina das movimentadas avenidas da República e de Berna. As aulas terminaram e nada da obra concluída. Nos últimos dias observo que está em plena atividade.

De início pensei que fosse residencial para ricos na capital portuguesa. Até que me deparo com uma placa com o nome Luzeiros Suítes. Logo pensei: vixe, já me hospedei num hotel de nome Luzeiros em Fortaleza (CE). Curiosidade de jornalista, entro e pergunto. E chequei: ali está funcionando um hotel da rede cearense. E chique. É o primeiro do grupo em Portugal. No Brasil, além de Fortaleza, tem unidades no Recife (PE) e em São Luís (MA).

Luzeiros Suites entre as poderosas avenidas de Lisboa

Da suíte, vista para o belo prédio multiuso centenário da Praça de Touros do Campo Pequeno

No térreo, restaurante e café abertos ao público

POIS BEM

Não à toa pensei que fosse um prédio residencial de alto padrão. Entretanto assim foi antes do grupo cearense comprar o imóvel. Era prédio com um apartamento por andar.

A Rede Hoteleira Luzeiros pertence à Lusitânia Empreendimentos Turísticos, criada em dezembro de 1999 pelo grupo de José Hugo Machado, 86 anos, um cearense que morou por muito tempo em Portugal e levou experiência em hotelaria para Fortaleza, e agora deixa sua marca em solo lisboeta. E bem chique, diga-se.

8 [REVISTA Bzzz]

7 | AS LISBOETAS

42 | O MAGO DAS LENTES

Nós acreditamos que informação e trabalho podem mudar a economia do RN!

O levantamento de dados sobre as diversas áreas da nossa economia é a ponte estratégica até as soluções.

Para quem visa empreender, o nosso portal também é um campo fértil para o seu plano estratégico.

Acesse:

www.maisrn.fiern.org.br

conheça o nosso programa e como ele pode te ajudar!

MaisRN DIGITAL

INFORMAÇÕES PARA

VOCÊ AVANÇAR

FIERN

ELIANA LIMA
elianalima@portaldaabelhinha.com.br

CEARÁ EM LISBOA

Toda vez que eu seguia a pé para as aulas do mestrado em Filosofia Política na Universidade Nova de Lisboa (FCSH), um edifício em obras me chamava atenção na esquina das movimentadas avenidas da República e de Berna. As aulas terminaram e nada da obra concluída. Nos últimos dias observo que está em plena atividade.

De início pensei que fosse residencial para ricos na capital portuguesa. Até que me deparo com uma placa com o nome Luzeiros Suítes. Logo pensei: vixe, já me hospedei num hotel de nome Luzeiros em Fortaleza (CE). Curiosidade de jornalista, entro e pergunto. E chequei: ali está funcionando um hotel da rede cearense. E chique. É o primeiro do grupo em Portugal. No Brasil, além de Fortaleza, tem unidades no Recife (PE) e em São Luís (MA).

Eliana Lima

Luzeiros Suítes entre as poderosas avenidas de Lisboa

suites.luzeirioshoteis.com

Da suíte, vista para o belo prédio multiuso centenário da Praça de Touros do Campo Pequeno

Eliana Lima

No térreo, restaurante e café abertos ao público

POIS BEM

Não à toa pensei que fosse um prédio residencial de alto padrão. Entretanto assim foi antes do grupo cearense comprar o imóvel. Era prédio com um apartamento por andar.

A Rede Hoteleira Luzeiros pertence à Lusitânia Empreendimentos Turísticos, criada em dezembro de 1999 pelo grupo de José Hugo Machado, 86 anos, um cearense que morou por muito tempo em Portugal e levou experiência em hotelaria para Fortaleza, e agora deixa sua marca em solo lisboeta. E bem chique, diga-se.

QUE LUGAR!

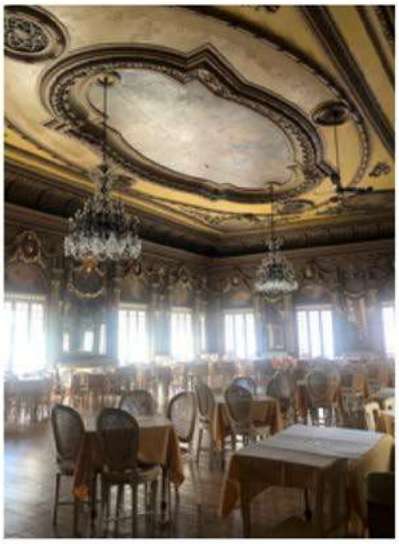
Apaixonada por palacetes históricos, sempre pesquiso esses tipos de imóveis para me hospedar ou restaurantes. Mesmo com dois anos em Lisboa, ainda falta muito por conhecer. É incrivelmente repleta de lugares belos, que muitas vezes passam despercebidos diante de uma simples fachada, mas que dentro é um espetáculo surpreendente. Assim foi minha grata surpresa com a Casa do Alentejo, que funciona num belo palacete do século XVII, Na Rua das Portas de Santo Antão, próximo ao Rossio.

Antes designado Palácio Alverca, também foi Palácio Pais do Amaral e Palácio São Luís.

Eliana Lima

O belo páteo da Casa do Alentejo

Restaurante menor: cardápio ótimo, preços excelentes



Salão maior, onde aos domingos têm bailes

O DIFERENCIAL

Restaurante lisboeta badalado no coração da chíquima Av. da Liberdade, o JNcQUOI Avenida inova mais uma vez. Agora com o tuk tuk estilizado.

Insta do JNC

O tuk tuk estilizado do JNcQUOI Avenida

HOLOFOTES

No Solar dos Nunes, @aslisboetas foram homenageadas por amigos potiguares, com prato personalizado e os melhores da Adega Cartuxa. Pois, fiquei toda ancha.

No Solar dos Nunes, prato estilizado e o item que mais gosto do cardápio: arroz de lavagante. Esse acrescentado peixe Garoupa

Da Cartuxa, o primor da adega

Ivan Lira de Carvalho
Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do RN, do Conselho Estadual de Cultura e da Academia de Letras Jurídicas do RN.
Professor da UFRN, Juiz Federal

Aldo Parisot, 1952

ALDO PARISOT

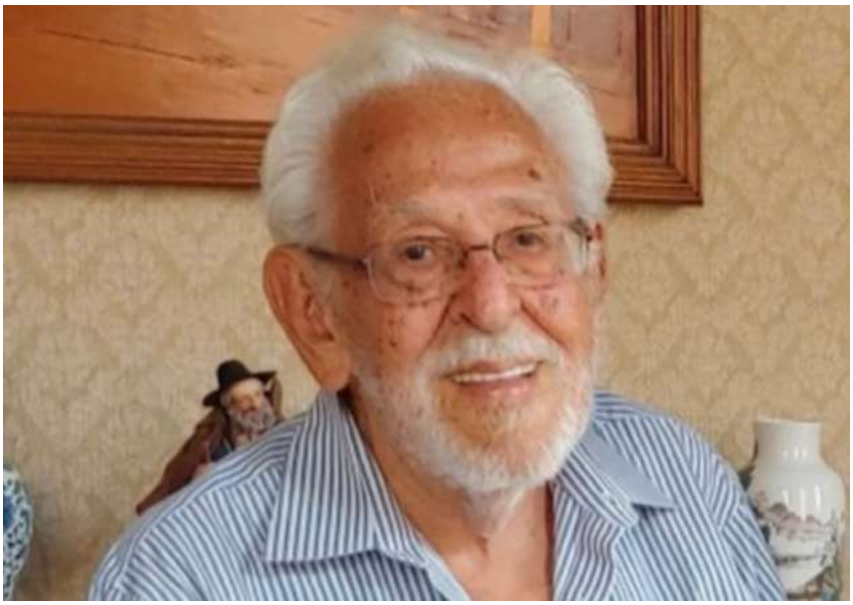
Genialidade musical **sobre arco e cordas**

ALDO PARISOT FOI O MAIS PERFEITO VIOLONCELISTA DO MUNDO, À SUA ÉPOCA

No seio de uma família de classe média, recentemente formada por um imigrante francês, comerciante (Luiz Theodore Parisot) e uma dona de casa (Ângela Simões) na cidade de Natal-RN, Rua General Glicério, Ribeira, nasceu o garoto Aldo a 30 de setembro de 1918. Já em 1922 aquele lar foi golpeado com a morte repentina do varão, aos quarenta e cinco anos de idade. A viuvez de Ângela não durou muito, pois poucos anos adiante estava casada com o maestro italiano Tomazo Babinni, que morava em Natal desde 1909, trazido pelo então Governador Alberto Maranhão, para se integrar ao conservatório local, conforme noticia Fábio Presgrave[1]. Detalhe curioso: Babinni tocou a festa do casamento de Ângela e Luiz. Assim, Aldo e o irmão Danilo (violinista) se tornaram enteados do musicista, aos quais se juntou mais adiante o irmão Ítalo (também renomado celista).

Peralta, Aldo fez tudo que era permitido e proibido aos meninos da sua idade: jogou futebol, atravessou a nado o Rio Potengi, gazeou aulas, escalou árvores. Algumas traquinagens foram confessadas por ele em retorno à sua terra de origem[2]: subiu em uma mangueira do quintal de casa e quando estava bem deitado em um galho, saboreando um fruto, pluft, caiu e quebrou o braço. Antes que o rigoroso padrasto retornasse ao lar, correu à casa do seu tio-afim, médico Januário Cicco, que providenciou a imobilização e o caso ficou como "coisa julgada". Outra: o amigo Marito Lira passava para chamá-lo ao futebol, mas Aldo tinha lições de violoncelo a cumprir enquanto Babinni lecionava na Escola Doméstica e outros estabelecimentos. A solução foi dar um pequeno talho de tesoura em uma das cordas do instrumento, que se rompeu ao primeiro toque, liberando o infernal atleta para a pelada. Entretanto, o temperamento afogueado de Aldo cedia aos rigores do padrasto/mestre, que lhe impunha uma jornada diária de seis horas de estudo de violoncelo, somada a aulas regulares e outras no Instituto de Música, dirigido por Waldemar de Almeida. Quando não se saia bem, castigo! Em duas ocasiões o Maestro Babinni, insatisfeito com um *si bemol* do pupilo, quebrou na sua cabeça o próprio arco de tocar o violoncelo[3].

Thomaso Babinni no Recife, início dos anos quarentas



Ítalo Babinni, meio-irmão de Aldo Parisot, foi o principal violoncelista da Sinfônica de Detroit

Mas foi graças a esse somatório de estudos que o garoto Aldo, antes dos dez anos já tocava nas missas da Igreja do Bom Jesus das Dores, proximidades da sua residência, enquanto a mãe cantava e a tia Isabel (esposa de Januário Cicco) executava hinos sacros ao órgão. Não demorou muito e já estava dando concertos no Teatro Carlos Gomes (atual Teatro Alberto Maranhão), merecendo consagradora crítica de Câmara Cascudo e de outros escritores, a exemplo de Waldemar de Oliveira, renomado teatrólogo e agitador cultural pernambucano, que estando na capital potiguar em 1934, assistiu uma apresentação de pequenos músicos natalenses e assim escreveu ao voltar ao Recife: "De uma afinação rigorosamente certa, um jogo de arco impecável e um senso interpretativo acima do que se poderia exigir de sua idade, Aldo Parisot completa esta trinca de artistas que necessita ser ouvida pelo público recifense"[4].

Pois é justamente Recife que vai acolher o talento de Aldo Parisot, em 1935 (aos dezesseis anos, portanto), para um concerto no Teatro de Santa Isabel, sucesso de público e de crônica, merecendo elogios de Ernani Braga[5], então diretor do conceituado Conservatório de Música de Pernambuco: "Se ele fosse vaidoso, já teria muito que se pavonear: – uma técnica segura e de largo desenvolvimento, uma afinação justa e uma sonoridade rica. Mas nada disso lhe tira o ar infantil e despreocupado em todas as atitudes e expressões".

Aldo em Natal - Infância e instrumento

Realar-nos-ia dizer ainda algumas palavras sobre os intérpretes deste programa de todo em todo excepcional, inestimos, não fossem os mesmos, artistas já consagrados pela própria CULTURA.

Assim, Ricardo Odnoposoff dispensa qualquer apresentação a mais, tendo-se imposto pela sua arte consumada ao nosso exigente auditório. O virtuosismo a que atingiu este ainda jovem violinista, colocou-o, sem favor, no rol desta nobiliarquia de grandes artistas, da qual fazem parte Casals, Kreisler, Heifetz, Horowitz, Piatigorsky e mais alguns raros corifeus.

De Aldo Parisot, uma expressão vitoriosa na nova geração de artistas brasileiros, basta dizer que após ter cursado com raro brilho a classe do Maestro Tomaszo Babini, tornou-se digno discípulo de Iberê Gomes Grosso, ou seja, indiretamente, da própria alta e severa escola do primeiro dêles porém — de Pablo Casals.

O Quarteto que atuará no Concerto de Chausson é constituído por instrumentistas do mérito de Edmundo Blois, Salvador Piersanti, Affonso Henriques Garcia e Aldo Parisot.

Quanto à regência deste grandioso concerto com que a CULTURA abre a presente temporada, foi ela confiada a Francisco Mignone, cuja autoridade e proficiência, seja como maestro, pianista ou compositor, revelando em qualquer dessas funções sempre a mais lídima musicalidade, certamente não precisa mais ser encarecida.

R. I.

MAESTRO MIGNONE

ALDO PARISOT

CULTURA ARTISTICA DO RIO DE JANEIRO

140° SARAU

INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA

DE

1 9 4 3

RICARDO ODNOPOSOFF (Violinista)

com o concurso de:

FRANCISCO MIGNONE (Pianista)

ALDO PARISOT (Violoncellista)

Quarteto de Cordas:

Edmundo Blois — Salvador Piersanti

Affonso Henriques Garcia — Aldo Parisot

ORQUESTRA SINFONICA

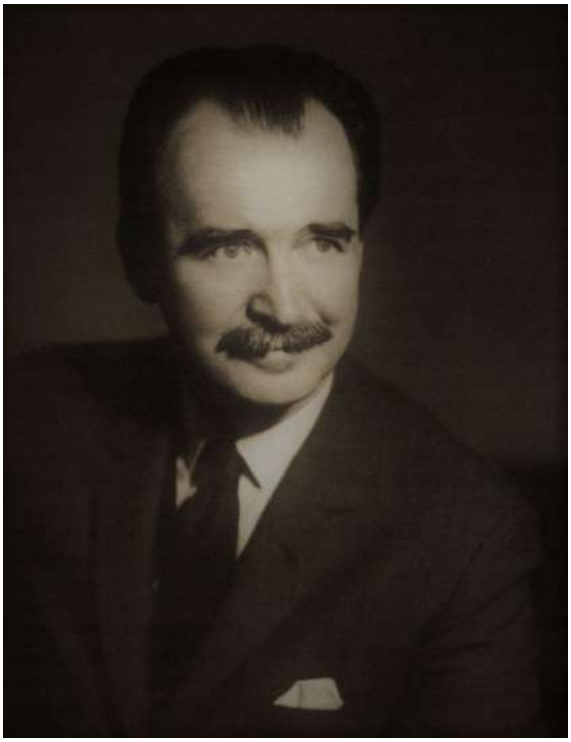
sob a regência de FRANCISCO MIGNONE

TEATRO MUNICIPAL

Terça-feira, 13 de Abril de 1943

às 20.45 hs.

1943 - Parisot toca com F. Mignone e Ricardo Odnoposoff



Carleton Sprague Smith, o homem que levou Aldo Parisot para os EUA

Aldo, em ocaslão de gala

Em 1936, quando completa dezoito anos, Parisot vai trabalhar na orquestra da PRA-8, Rádio Clube, integrante dos Diários e Emissoras Associadas no Recife, império de comunicações erguido por Assis Chateaubriand. Ali fica por pouco tempo, chegando a apresentar, no Teatro de Santa Isabel, um concerto com o pianista Tullio Tavares, também potiguar. Casa cheia! Mas isso não prendeu Aldo, que rumou para o Rio de Janeiro, objetivando aperfeiçoar a sua arte com Iberê Gomes Grosso, então o maior referencial brasileiro do violoncelo. Ali passou cinco anos, tocando na Orquestra Sinfônica Nacional[6] e na Rádio Nacional, alimentando um sonho dividido em três partes: a) viajar para o estrangeiro; b) reger uma grande orquestra; c) possuir um Stradivarius. Realizou todas as etapas, não sem sacrifícios[7].

No Rio, Aldo Parisot tocou em diversas formações. A mais consistente foi o Quarteto Iacovino (depois denominado Quarteto Guanabara), que integrou com Mariuccia Iacovino (violino), Santiago Parinelli (violino) e Henrique Niremberg (viola). No paralelo, formou um trio com Oriano de Almeida (pianista, também norte-rio-grandense) e Cláudio Santoro (violino), que se tocava nas manhãs de domingo na Chácara de São Cristóvão[8].

A inquietude que contrastava com a delicadeza que timbrava as suas execuções musicais, agitou o seu desejo de dar concretude ao sonho tripartido acima referido. Procurou ajuda oficial para ir estudar nos Estados Unidos. Queria ao menos a passagem aérea, mas em vez de conseguir o ticket guardou a tristeza da negativa. Não se abateu. Certa noite de 1941 estava tocando na Orquestra Sinfônica Nacional e na plateia estava o adido cultural da embaixada americana, Carleton Sprague Smith, musicólogo, que se encantou com o desempenho de Aldo e o convidou para na noite seguinte comparecer ao seu apartamento, onde estaria sendo festejado o violinista e maestro Yehudi Menuhin. Foi. Lá o adido o estimulou a se aperfeiçoar na América e em poucos dias conseguiu para Aldo a passagem e um indicativo para estudar em Yale. Chegando na terra do Tio Sam, Parisot realizou concertos de norte a sul, angariando duzentos

dólares para custear a sua estada. Matrícula feita, aulas em curso, o músico viu o dinheiro amealhado sumir em pouco tempo, o que lhe levou até mesmo a passar fome. Compadecidos, alguns estudantes veteranos conseguiram para ele um emprego de lavador de latrinas na própria Universidade de Yale, diariamente, e outro para ser guarda no museu da instituição, nos finais de semana. E foi assim que Aldo pode dar prosseguimento ao seu aprendizado, estudando música de câmera com Paul Hindemith. Até que em 1948 a sua atenção foi despertada para um anúncio de que a Orquestra Sinfônica de Pittsburgh estava selecionando violoncelistas. Foi lá e conseguiu o primeiro lugar entre quarenta disputantes, assumindo o lugar de *spala* e logo depois já estava gravando "uma soberba leitura das Variações de Don Quixote, de Richard Strauss, regido por Victor de Sabata"[9].

Ainda segundo João Carlos Coelho, em 1950 Aldo estreou no Town Hall, de N. York, sendo "o registro ao vivo do concerto nº 2 de Hayden com John Barbirolli e a Filarmônica de Nova York o consolidou internacionalmente"[10]. Com essas luzes, em ocupou a docência na renomada Juilliard School (atualmente sediada no Lincoln Center), sem nunca deixar de dar concertos pelos mais diversos países, inclusive participando de várias edições do renomado Festival de Inverno de Campos do Jordão, circunstância que lhe cobria de felicidades, por permitir conta-

O bom humor dos amigos geniais Aldo Parisot, Villa-Lobos e Burle Marx

tos com a sua pátria, para onde voltou outras vezes para ministrar o célebre curso de violoncelo patrocinado pelo Estado da Paraíba em 1987, quando Tarcísio Burity, jurista e músico, era Governador. Em 1958 assumiu o cargo que lhe deu maior estabilidade profissional, como professor da Escola de Música da Universidade de Yale, de onde havia sido aluno. Ali ficou por sessenta anos, já que somente requereu aposentadoria em julho de 2018, sendo que nesse intercurso experimentou incontáveis momentos de glória, a exemplo da indicação para Grammy em 1988, com a sua gravação da sua peça "Bach Bachianas".

Parisot, atento à arte

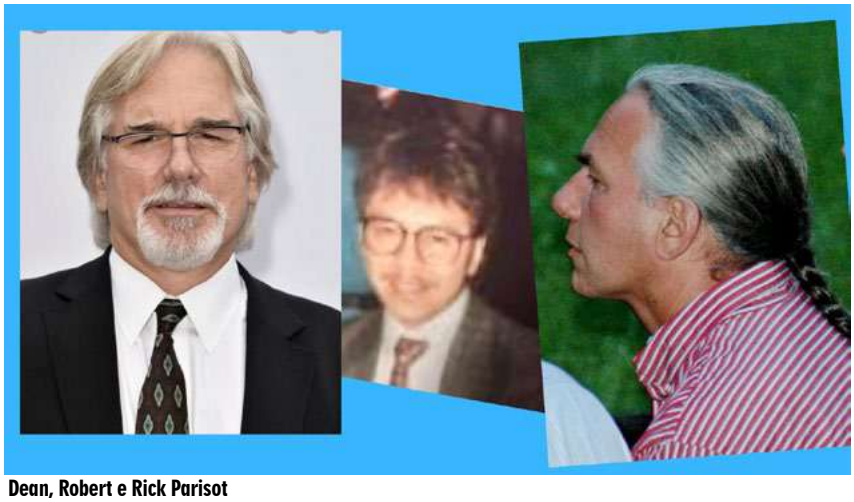
Villa-Lobos e Parisot, música em elevado nível

Na vida privada teve família edificada em duas etapas. Foi casado com a professora de música Ellen Lewis, com quem teve três filhos: Aldo Luis, nascido em 1952, consagrado cineasta conhecido com Dean Parisot (diretor de sucessos como "Red 2 – Aposentados e ainda mais perigosos", com Bruce Willis, Catherine Zeta-Jones e Anthony Hoppinks); Robert Parisot, nascido em 1954, consagrado arquiteto nos EUA e o escultor Ricardo Parisot, Rick, de 1956, que vive em Wilton, Connecticut. O segundo casamento, com a pianista Elizabeth Sawyer Parisot, durou 52 anos, até o seu falecimento, em 2018, quando já completara um centenário de vida. O seu obituário reporta os últimos momentos do genial violoncelista potiguar: "Dentro de sua casa, em uma bela tarde e cercado por suas próprias pinturas e familiares, ouviu uma gravação inicial da soprano brasileira Bidu Sayão cantando uma de suas canções folclóricas favoritas de sua infância, 'A Casinha Pequenina', e concluiu sua jornada ouvindo a Bachianas Brasileiras nº 5, escrita por seu querido amigo e compositor, Heitor Villa-Lobos"[11].

Residia em Guilford, Connecticut, onde repousa eternamente. Para as homenagens póstumas, ao invés de flores, a família sugeriu doações ao Fundo de Violoncelos de Yale, através do gabinete do reitor da Escola de Música da instituição educacional.

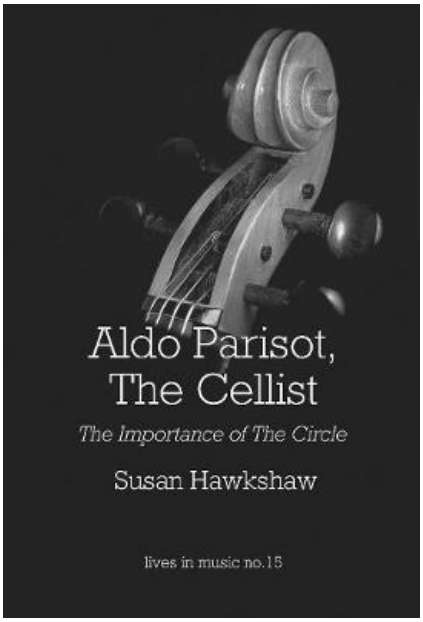
Ellen Lewis Parisot - Primeira esposa de Aldo - Professora de música e mãe dos seus três filho

"Dentro de sua casa, em uma bela tarde e cercado por suas próprias pinturas e familiares, ouviu uma gravação inicial da soprano brasileira Bidu Sayão cantando uma de suas canções folclóricas favoritas de sua infância, 'A Casinha Pequenina', e concluiu sua jornada ouvindo a Bachianas Brasileiras nº 5, escrita por seu querido amigo e compositor, Heitor Villa-Lobos."

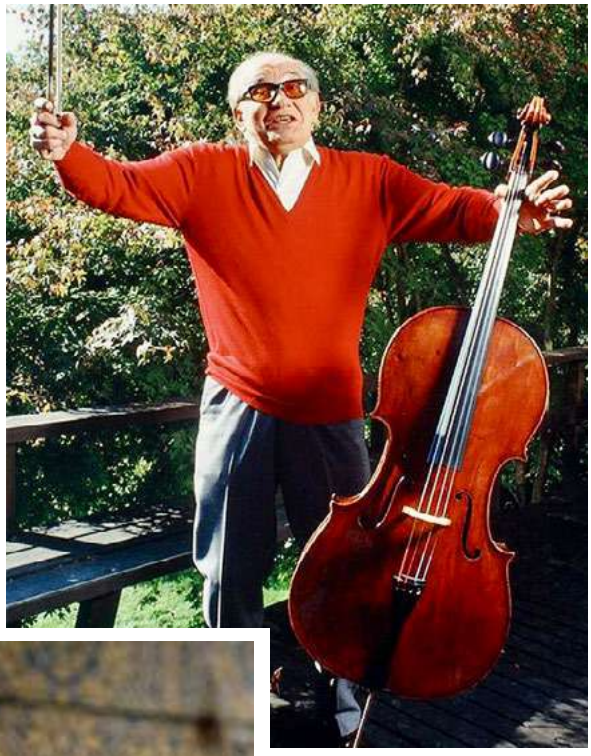


Dean, Robert e Rick Parisot

Elizabeth Sawer Parisot, segunda esposa de Aldo



Biografia de Aldo Parisot, pela Professora Susan Hawkshaw, de New Haven-EUA



A música no espírito de Parisot

Últimos anos de Parisot, com o celista Yo-Yo Ma.

1 PRESGRAVE, Fábio. Regozigem-se todos, inclusive os flagellados pela sêcca... Ahi vem de onde não sabemos, o illustre Sr. Tomaso: Um olhar sobre a saga de Thomaz Babini. In **Violoncelo um compêndio brasileiro**. TEIXEIRA, William, org. Campo Grande-MS, Ed. UFMS, 2021. pp. 156-169.
2 PARISOT, Aldo Simões. **Memória Viva**. Natal, Televisão Universitária, 1988. Entrevista a Carlos Lyra, Alvamar Furtado, Oriano de Almeida e Mozart de Almeida Romano. Disponível na Internet em https://youtu.be/V3AAWkWUN9M. Acesso a 17 mar. 2022.
3 PARISOT, Aldo Simões. **Memória Viva**, op. cit.
4 OLIVEIRA, Waldemar de. Impressões de Natal. **A República**, Natal, 28 de janeiro de 1934, citado por GALVÃO, Cláudio. **O nosso maestro: biografia de Waldemar de Almeida**. Natal, EDUFRN, 2019. p. 223.
5 BRAGA, Ernane. **A República**, Natal, 28 de janeiro de 1934, citado por GALVÃO, Cláudio. **O nosso maestro: biografia de Waldemar de Almeida**. Natal, EDUFRN, 2019. p. 231.
6 MARQUES, Clóvis. A OSB setentona. **Concerto**, Gramophone, São Paulo, ano XV, número 160, pp. 16, abr. 2010.
7 PARISOT, Aldo Simões. **Memória Viva**, op. cit.
8 PARISOT, Aldo Simões. **Memória Viva**, op. cit.
9 COELHO, João Marcos. Morre Aldo Parisot, um dos maiores violoncelistas brasileiros. **Estado de São Paulo**, Caderno Cultura, Seção Música, 31 dez. 2018. Internet, https://cultura.estadao.com.br/noticias/musica,morre-aldo-parisot-um-dos-maiores-violoncelistas-brasileiros,70002662618. Acesso a 15 mar. 2022.
10 COELHO, João Marcos, op. cit.
11 Disponível na Internet em https://www.aldoparisot.com/. Acesso a 26 mar. 2022.

Minervino Wanderley
Jornalista

Reportagem photographica

A Intendencia Municipal de Natal

O bello edificio da Intendencia Municipal de Natal, capital do Rio Grande do Norte, cuja gravura reproduzimos, foi inaugurado em commemoração á passagem do Centenario da Independencia a 7 de setembro.

Deve-se a construcção do mesmo ao esforço incansavel do presidente da Intendencia, major Theodosio Paiva, que a contractou por ..... 128:500$000 com o dr. Mario Lyra, que a confiou ao architecto Miguel Micussi.

A planta é da autoria do engenheiro militar, coronel Manuel Theophilo Pinheiro.

JUDEUS EM NATAL

A SAGA DOS PALATNIK

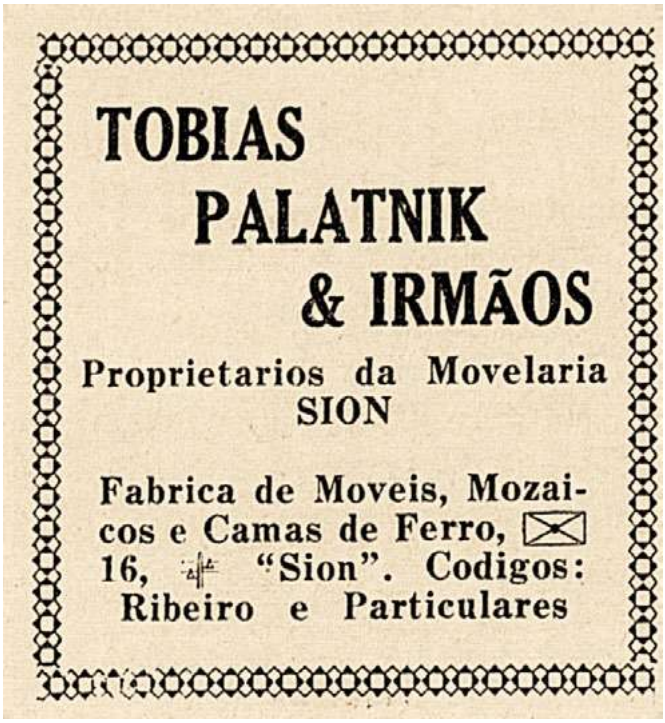
UM GRUPO DE JUDEUS QUE COMEÇOU SUA VITORIOSA TRAJETÓRIA EMPRESARIAL TRABALHANDO JUNTO AOS MAIS POBRES DE NATAL

A foto e o texto ao lado mostram o lugar onde os destinos administrativos de Natal, capital do Rio Grande do Norte, são traçados e executados desde 1922. Oficialmente conhecido como Palácio Felipe Camarão é um marco na cidade, mas o que importa mesmo nessa nota de jornal é um pequeno detalhe no final do texto. Ali ficamos sabendo que os móveis construídos na época da inauguração desta marcante edificação, que não sei se ainda estão por lá, foram executados pela firma "Tobias Palatnik & Irmãos".

Os proprietários desta empresa, com um sobrenome tão diferenciado dos tradicionais nomes familiares de origem portuguesa existentes em Natal, eram os membros de uma família de judeus ucranianos, que em poucos anos foram considerados os membros mais proeminentes da comunidade judaica em Natal.

3 DE JANEIRO DE 1947

Nada mal para estes imigrantes que haviam chegado apenas dez anos antes ao Brasil e tinham começado suas atividades na capital potiguar vendendo seus produtos diretamente nas casas dos moradores da pequena urbe. Trabalharam sem diferenciar classe nem cor, atendendo inclusive os mais humildes.


TOBIAS
PALATNIK
& IRMÃOS
Proprietarios da Movelaria
SION
Fabrica de Moveis, Mozaicos e Camas de Ferro, 16, "Sion". Codigos: Ribeiro e Particulares

EM BUSCA DE NOVOS ESPAÇOS

Segundo a historiadora Luciana Souza de Oliveira, através de sua monografia de mestrado em História "A fala dos passos: imigração e construção de espaços judaicos na cidade do Natal (1919-1968)", a história dos judeus na capital potiguar começa a ser contada no ano de 1911, com a chegada ao Brasil de Tobias Palatnik e seus irmãos Adolfo, Jacob e José (este último com apenas 16 anos) e um tio Beinish (Braz) Palatnik. Eles deixaram para trás a fria região da Podólia, no sudoeste da Ucrânia e seguiram esperançosos para recomeçar a vida no grande país tropical.

Judeus expulsos dos seus lares na Europa Oriental – Fonte – https://en.wikipedia.org

Para a historiadora este processo migratório dos judeus vai muito além de uma mera necessidade econômica. A questão judaica na Europa durante o século XIX até a primeira metade do século XX foi marcada por pressão e opressão, onde o espírito antissemita se manifestou nas esferas política, econômica e social, atingindo grande parte da população que hostilizava e culpava os judeus por toda sorte de mazelas. Deixar a Europa no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX representava para eles antes de tudo uma questão de sobrevivência.

Em calientes terras tupiniquins o Rio de Janeiro foi a primeira parada de Tobias Palatnik e seus parentes. Mas foi por um período curto e logo aqueles judeus seguiram para Salvador. Mas também a capital baiana não foi o melhor dos destinos e eles partiram para o norte, em direção à cidade do Recife, onde os Palatnik começaram a fazer sua clientela, em grande parte composta por operários.

Luciana Souza de Oliveira aponta que na cidade

conhecida como "Veneza Brasileira" eles aprenderam que, além do comércio realizado de porta a porta, mesmo falando o português ainda de forma rudimentar, eles podiam comprar no atacado e com exclusividade. Neste período a cambraia bordada foi seu principal produto.

Recife certamente ajudou os irmãos Palatnik a assegurar alguns lucros, mas a concorrência comercial na cidade era um problema complicado, que contava naquele período com 80 judeus atuando como prestamistas. Segundo a autora estes judeus que já atuavam em Recife eram em sua maioria rapazes solteiros, provenientes da Bessarábia (região histórica da Europa Oriental, cujo território se encontra principalmente na atual Moldávia), Polônia e a Ucrânia, que batalhavam duro para poder concretizar um objetivo comum – o desejo de conseguir meios para poder se estabelecer na Palestina com os demais familiares que deixaram na Europa Oriental.

Tobias Palatnik – Fonte – Tok de História

Foi então que Tobias Palatnik, o mais velho dos quatros irmãos, resolveu transferir-se para Natal objetivando fugir daquela concorrência.

VENCENDO ONDE OS OUTROS NEM PERCEBIAM QUE EXISTIAM CONSUMIDORES

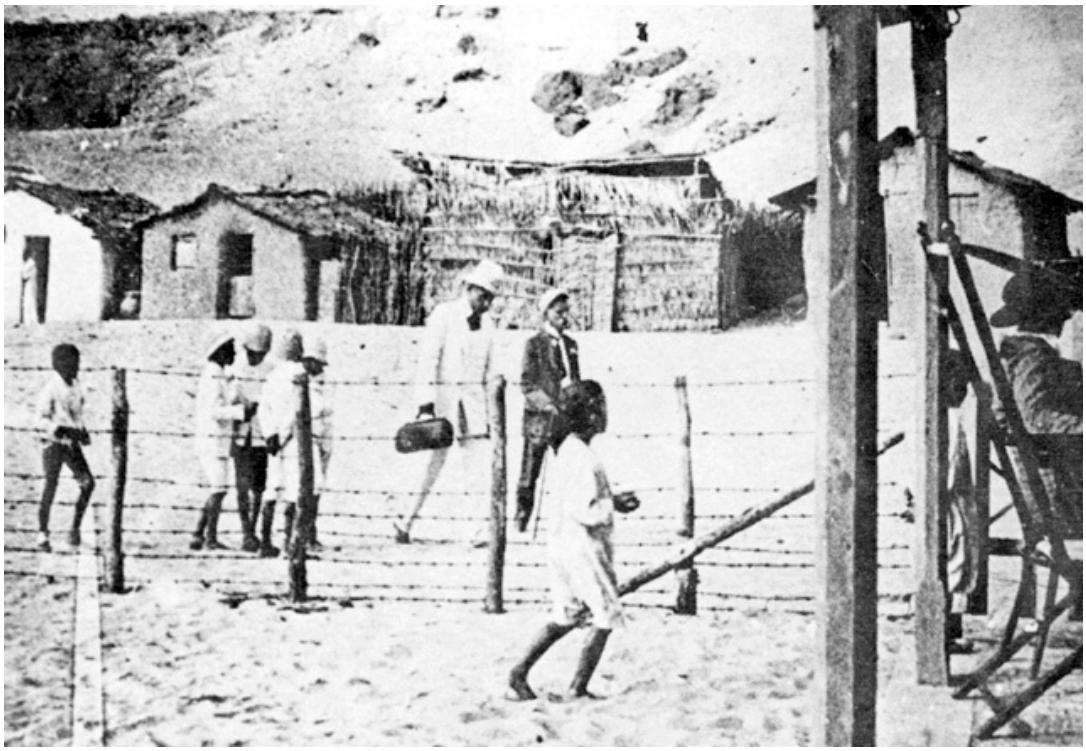
Para a autora do texto a escolha de pegar o trem e seguir em direção a Natal foi a melhor decisão que Tobias tomou quando chegou ao Brasil. Nessa época Natal ainda era uma pequena capital com população inferior a 25.000 habitantes, com apenas 27 famílias formada por estrangeiros, três linhas de bondes elétricos, uma catedral, um cinema mudo e que estava começando a passar por intensas transformações. A cidade estava aos poucos desabrochando e vivenciando o início da modernidade tão desejada pela elite local.

Navios no Rio Potengi, em Natal-Reprodução

Mas se por um lado a elite natalense se deleitava com os avanços e belezas da "Belle Époque", uma grande parcela da sua população – os mais pobres – eram tratados de maneira verdadeiramente invisível.

Aqueles ucranianos, que sabiam bem o que significavam as violentas exclusões dos pogroms contra judeus na Europa Oriental, certamente perceberam que também havia exclusão em Natal. Mas esta era extremamente sutil, realizada de maneira covarde, praticada sem violência física contra uma massa morena, mas carregada de extrema hipocrisia. A exclusão em Natal diferenciava os seres humanos principalmente pela cor e condição socioeconômica.

Acredito que Tobias Palatnik percebeu de maneira muito correta que aquelas pessoas excluídas, mesmo com uma condição financeira mais limitada, apontavam para a possibilidade de um mercado consumidor extremamente promissor em Natal. Já a maioria dos seus concorrentes, membros de uma elite branca e racista, que praticavam intensos atos de exclusões sociais contra aquelas pessoas consideradas ralé, jamais iriam ate eles, bater nas portas dos seus "mocambos" para vender alguma coisa.



Os conhecidos Mocambos, as moradias dos mais pobres de Natal

Tobias Palatnik se deparou com um espaço que estava pronto para ser explorado. Percebeu que a venda a prestação tinha futuro na cidade e que a oportunidade comercial era bem melhor que em Recife. Logo avisou aos seus irmãos e estes seguiram para o novo destino e começaram um novo investimento.

Percebi lendo o texto da historiadora Luciana Souza de Oliveira e os jornais de época, que para os Palatnik a diferenciação dos natalenses abonados com os "negos", como os mais ricos da cidade pejorativamente chamavam os mais pobres (que nem precisavam ser claramente afrodescendentes para assim serem classificados), era algo que nada lhes importava.

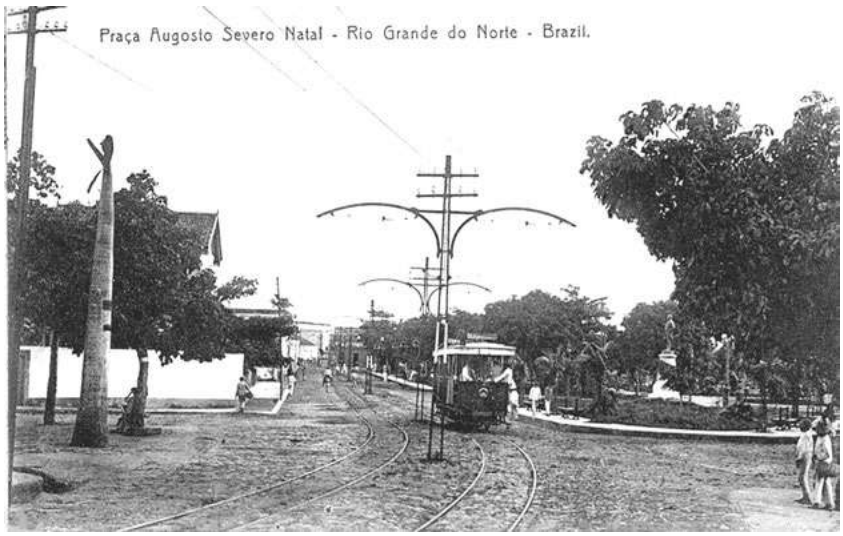
O que importava mesmo era negociar, chegar até o cliente, atender o desejo das pessoas, independente de onde eles moravam, ou da cor da sua pele…

As Rocas, área de atuação dos Palatnik em Natal

Logo na primeira investida Tobias Palatnik pôde observar que só nas Rocas, a região dos pescadores, onde viviam os mais pobres da cidade, ele poderia conquistar facilmente mais de 200 clientes. Outra coisa que certamente o judeu percebeu foi que aquelas pessoas, não obstante suas limitadas condições financeiras, possuíam um acentuado sentido de honra em relação a quitação de suas dívidas financeiras, onde poucos se davam ao papel de caloteiros.

Era tudo que um prestamista desejava!

Assim os produtos foram sendo oferecidos de porta em porta e logo se estabeleceram fortes laços econômicos. Mensalmente os irmãos passavam nas casas dos clientes, oferecendo novas mercadorias e estes pagavam as parcelas dos produtos que haviam sido anteriormente vendidos. Esse tipo de procedimento tornava a relação entre comerciante e cliente mais estreita, fazendo com que os anseios de consumo da sociedade local, mesmo dos mais humildes, fossem supridos de maneira pessoal. Segundo Luciana Souza de Oliveira os irmãos Palatnik foram os primeiros que trouxeram para a cidade essa nova maneira de comercializar.



Natal no início do século XX

Com arrojo e garra, aliado ao desejo de trabalhar e de prosperar em Natal, Tobias e seus irmãos alcançaram seus objetivos iniciais em menos de seis meses, quando conseguiram conquistar cerca de mil clientes.

BOA RELAÇÃO COM OS NATALENSES, MAS MANTENDO AS TRADIÇÕES

A prosperidade econômica veio logo, rápida mesmo.

A historiadora Luciana Souza de Oliveira aponta que 1915 os Palatnik puderam adquirir uma fazenda com uma usina de açúcar, álcool e aguardente. Mas o forte daqueles judeus era o comércio e foi com ele que a família Palatnik escreveu uma história de prosperidade na cidade.

Familia Palatnik – Em pé, a partir da esquerda: Adolfo Palatnik, Jacob Palatnik, Braz Palatnik, Tobias Palatnik, José Palatnik, Tobias Prinzak, Moisés Kaller e Horácio Palatnik. Sentadas: Cipora Palatnik, Dora Palatnik (com Chimonit Palatnik no colo), Rivca Palatnik, Olga Palatnik (com Ester Palatnik no colo), Sônia Palatnik, Dora Kaller e Augusta Palatnik – Fonte – LUCIANA SOUZA DE OLIVEIRA, A FALA DOS PASSOS: IMIGRAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS JUDAICOS NA CIDADE DO NATAL, (1919-1968), NATAL, 2009, UFRN.

YOM KIPPUR em NATAL

L. DA CAMARA CASCUDO

todos se erguem. São as orações mais fortes e mais antigas, diz-me Horowitz, que é extremamente gentil e culto.

Depois, cai o silencio. No outro dia 30, o dia é o mesmo. As orações tomam o tempo. A Sinagoga fica parecendo um clube. Conversa-se, brinca-se, discute-se. O israelita que não discute não descende de Jacob, Abraão e Isac. O sr. Moisés Vainstein canta. E o melhor cantor da colonia, e sua voz é verdadeiramente magnifica de tonalidade, força e plasticidade.

Cantam e oram até o pôr do sol. O jejum possue virtudes religiosas e

O escritor Luís da Câmara Cascudo participou da festa do Yom Kippur junto aos judeus de Natal e descreveu a visita em um interessante artigo – Fonte – Jornal " A República" 12/11/1933

Com a estruturação e o crescimento econômico daqueles judeus em Natal, esses jovens tiveram a oportunidade de ir à Palestina algumas vezes visitar seus parentes. Foi nessas poucas visitas que os jovens Palatnik constituíram suas famílias com as moças que residiam na chamada "Terra Santa".

Mesmo construindo as suas vidas em Natal, mesmo aqui sendo a cidade que esses judeus escolheram para desenvolverem suas famílias, a cidade não poderia lhes oferecer alguns elementos responsáveis pela continuidade de sua identidade.

Faltavam-lhes garotas que professasse a mesma fé e que tivesse os mesmos conceitos e valores para manter uma identidade judaica em seus lares. Vale ressaltar que aqueles jovens judeus conseguiram se relacionar muito bem com as pessoas em Natal, mesmo criando essa delimitação de não envolvimento de caráter íntimo e pessoal com aqueles que eram diferentes a sua cultura.

Ocorreram então várias uniões a partir de 1920. Com esses casamentos, muitos outros familiares, entre eles primos, irmãos, pais, tios e outros membros, decidiram deixar seus países e foram atraídos para a capital potiguar.

Essas ramificações e parentescos foram os elementos principais para que a família Palatnik se destacasse, tornando-se os membros proeminentes para o estabelecimento de uma comunidade judaica na cidade, pois o número de pessoas que gravitavam em torno deles crescia com o passar dos anos.

Jose e Sonia Palatnik – Fonte – LUCIANA SOUZA DE OLIVEIRA, A FALA DOS PASSOS: IMIGRAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS JUDAICOS NA CIDADE DO NATAL, (1919-1968), NATAL, 2009, UFRN.

PREOCUPAÇÕES COM COISAS DA VIDA E DA MORTE

Segundo informa o site **judaismohumanista.ning.com**, em 1925 foi fundado na capital potiguar o Centro Israelita, que funcionava também como uma sinagoga.

Ainda na década de 1920 os judeus natalenses foram os primeiros a construir um jardim de infância, que até aquele período não havia sido estabelecido na cidade de Natal. Esta escola para crianças começou a funcionar, junto a um programa de educação judaica complementar e uma de suas professoras foi a Sra. Sara Branitzak, que teria vindo da Palestina e, segundo a historiadora Luciana Souza de Oliveira, chegou em 1927, mas ela passou pouco tempo neste trabalho.

Jardim de Infância Palatnik – A partir da esquerda, em pé: Eliachiv Palatnik, Sofia Kaller, Ester Palatnik, David Fassberg, Ester Palatnik (filha de Elias) e Moisés Palatnik. Sentados: Aron Horovitz, Aminadav Palatnik, professora Sarah Branitzky, Sarita Volfzon, Raquel Horovitz, Nechama Kaller e Simon Masur. Na frente: (?), Nechama Palatnik, Achadam Masur e Genita Volfzon – Fonte – LUCIANA SOUZA DE OLIVEIRA, A FALA DOS PASSOS: IMIGRAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS JUDAICOS NA CIDADE DO NATAL, (1919-1968), NATAL, 2009, UFRN.

Muitas crianças judias que nasceram em Natal participavam não apenas da vida judaica, também se relacionavam com as outras crianças da cidade sem, no entanto, esquecer que mesmo sendo Potiguares, eram acima de tudo judeus, guardando e seguindo as tradições que eram ensinadas pelos seus pais. Uma destas crianças foi Uma das crianças judias nascidas em Natal, mais precisamente em 19 de fevereiro de 1928, foi Abrahan Palatnik.[1]

Ainda segundo o site judaismohumanista.ning.com, um censo oficial da cidade de Natal em 1940 registrou um total de 54.836 habitantes e 109 eram judeus.

Túmulo de Rosinha Palatnik no Cemitério Público do Alecrim – Foto do autor

Com o natural crescimento da comunidade local, que passou a contar com mais de trinta famílias de judeus, logo não eram apenas os aspectos ligados a vida terrena que preocupavam esta comunidade, as questões de morte também se tornou uma preocupação.

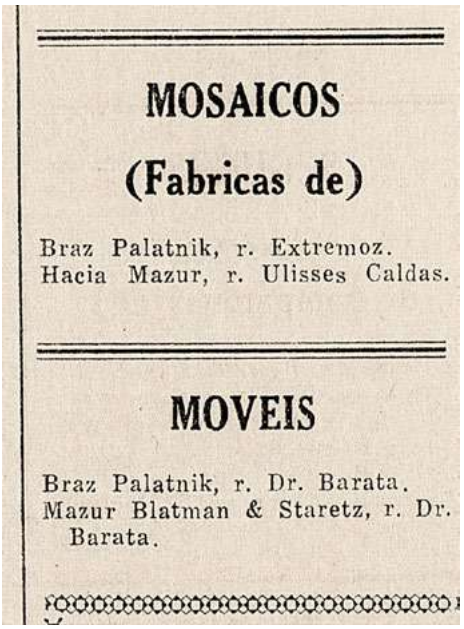
Em 10 de janeiro de 1931, através de contatos entre os líderes da comunidade e a Prefeitura de Natal, cujo prefeito a época era o Sr. Gentil Ferreira de Souza, foi doada uma quadra murada no Cemitério Público do Alecrim para que os membros da comunidade judaica fossem enterrados mediante seus rituais tradicionais. Igualmente foi fundada uma sociedade funerária chamada Chevra Kadisha.

Até hoje existe este espaço exclusivo no Cemitério do Alecrim e entre os vários judeus natalenses enterrados está a lápide de Rosinha Palatnik. Ela faleceu no dia 7 de agosto de 1936, com apenas 20 anos de idade, depois de uma permanência no hospital de um mês e quinze dias em razão de uma apendicite. Rosinha era carioca, nascida Rosinha Tendler, filha de Boris e Anna Tendler e era casada com Horácio Palatnik (ver jornal "A República", edição de domingo, 9 de agosto de 1936).

Rosinha Palatnik

CRESCIMENTO DOS NEGÓCIOS

De prestamistas eles abriram uma fábrica e uma loja de móveis chamada Casa Sion, sendo localizada a rua Dr. Barata, número 6, no bairro da Ribeira, uma das principais artérias comerciais da cidade na época.



MOSAICOS

(Fabricas de)

Braz Palatnik, r. Extremoz.
Hacia Mazur, r. Ulisses Caldas.

MOVEIS

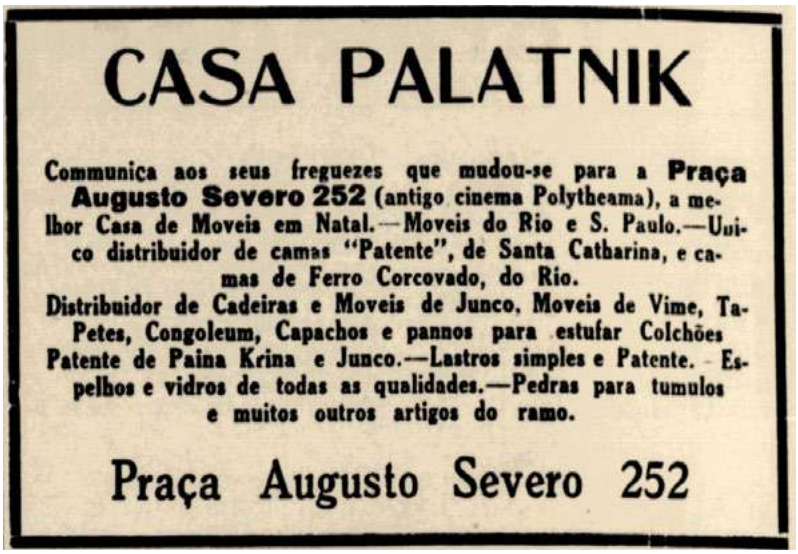
Braz Palatnik, r. Dr. Barata.
Mazur Blatman & Staretz, r. Dr. Barata.

O trabalho dos Palatnik prosperou ao longo dos anos e foi se diversificando

Braz Palatnik

Já Braz Palatnik surge com uma casa comercial na década de 1920, que inclusive era batizada com o seu nome e ficava localizada igualmente na rua Dr. Barata, nos números 204 e 205 e ali parece que ele vendia de tudo um pouco. Anúncios no jornal "A República", o principal da cidade, mostra uma propaganda onde se oferecia guarda-chuvas, cobertas para camas, calçados para homens, tolhas, tecidos de cambraia e muitas outras coisas. Tempos depois esta loja mudou para a rua Ulisses Caldas, na esquina com a rua Felipe Camarão, no Centro da cidade, muito próximo, ou mesmo vizinho, ao Centro Israelita.

Em 1931 os irmãos Tobias e Braz Palatnik estão com uma fábrica de mosaicos na rua Extremoz e uma loja destes produtos na rua Dr. Barata, mas no número 190. Tinham também uma serraria na rua Ulisses Caldas e mantinham a Casa Sion para vender os móveis por eles fabricados.



CASA PALATNIK

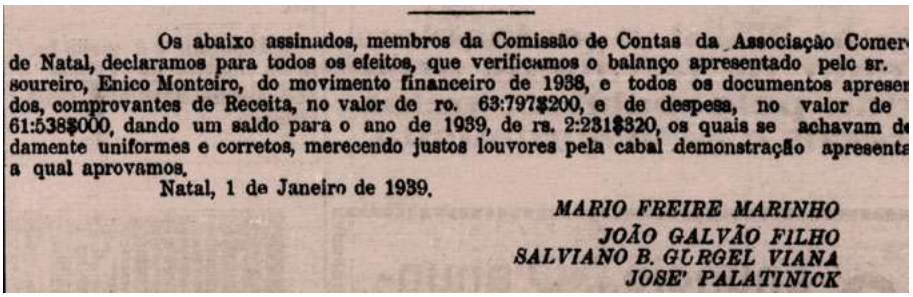
Communica aos seus freguezes que mudou-se para a **Praça Augusto Severo 252** (antigo cinema Polytheama), a melhor Casa de Moveis em Natal.—Moveis do Rio e S. Paulo.—Unico distribuidor de camas "Patente", de Santa Catharina, e camas de Ferro Corcovado, do Rio.
Distribuidor de Cadeiras e Moveis de Junco, Moveis de Vime, Tapetes, Congoleum, Capachos e pannos para estufar Colchões Patente de Paina Krina e Junco.—Lastros simples e Patente. Espelhos e vidros de todas as qualidades.—Pedras para tumulos e muitos outros artigos do ramo.

Praça Augusto Severo 252

5 de fevereiro de 1937

Em 1936 o antigo e marcante cinema Polytheama, referência da sétima arte na história da cidade e localizado na Praça Augusto Severo, 252, se torna a Casa Palatnik. Como em outros comércios destes judeus a diversificação e a variedade de produtos é a tônica da casa comercial. Ali se vendia desde camas de ferro, passando por móveis de vime e junco e até mesmo pedras para túmulos.

Conforme os Palatnik vão prosperando, eles vão participando de atividades junto à sociedade natalense. José Palatnik, por exemplo, se torna conselheiro da Associação Comercial de Natal e do conselho fiscal do Banco Industrial Norte-rio-grandense S.A.



Os abaixo assinados, membros da Comissão de Contas da Associação Comer
de Natal, declaramos para todos os efeitos, que verificamos o balanço apresentado pelo sr.
soureiro, Enico Monteiro, do movimento financeiro de 1938, e todos os documentos apresen
dos, comprovantes de Receita, no valor de rs. 63:797$200, e de despesa, no valor de
61:538$000, dando um saldo para o ano de 1939, de rs. 2:231$320, os quais se achavam de
damente uniformes e corretos, merecendo justos louvores pela cabal demonstração apresenta
a qual aprovamos.

Natal, 1 de Janeiro de 1939.

MARIO FREIRE MARINHO
JOÃO GALVÃO FILHO
SALVIANO B. GURGEL VIANA
JOSE' PALATINICK

25 de janeiro de 1939

Além da diversificação de negócios, pesquisando nos jornais antigos fica patente como os Palatnik investiram forte na aquisição de imóveis por toda a área de Natal. Nessa época era normal que os documentos emitidos pela prefeitura da cidade nas negociações ligadas a imóveis, com exceção de valores, fossem divulgados nos jornais locais. Neste aspecto, principalmente no início da década de 1940, os Palatnik estão sempre presentes com pagamentos de impostos referente a muitas aquisições e venda de imóveis. Provavelmente perceberam que, mesmo de forma lenta, a cidade se expandia e a compra de imóveis era outra nova oportunidade de negócios a ser trabalhada.

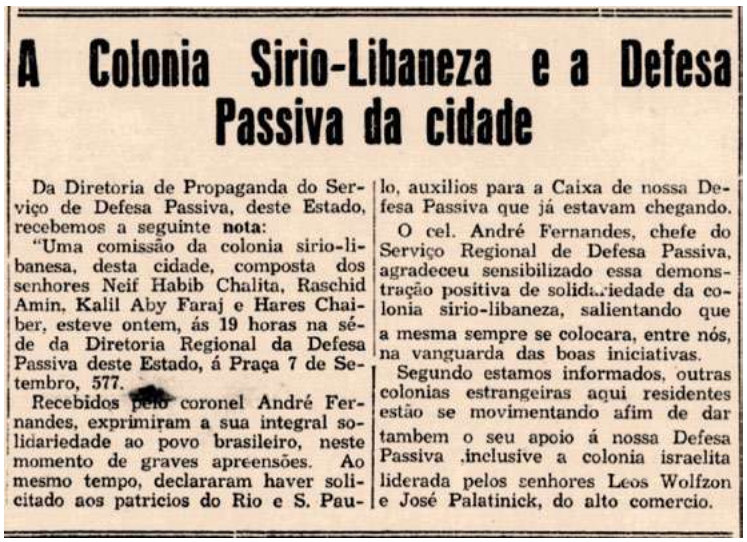
A JERUSALÉM DO BRASIL

O jornal Tribuna do Norte, na sua edição de 22 de novembro de 2013, informa que os irmãos Palatnik investiram na construção civil em Natal. Eles foram pioneiros na construção de conjuntos habitacionais: as primeiras casas da Ponta do Morcego (numa delas veraneava o governador Juvenal Lamartine) e a famosa Vila Palatnik, pegando a avenida Deodoro, rua Ulisses Caldas (em frente ao Colégio da Conceição) e rua coronel Cascudo.

Região da Ponta do Morcego, em Natal

Durante a Segunda Guerra Mundial o Rio Grande do Norte sediou uma das maiores bases de aviação dos Aliados no hemisfério ocidental, a famosa Parnamirim Field. Este fato, ocorrido antes mesmo da declaração formal de guerra do Brasil contra os países do Eixo, proporcionou a chegada de muitos militares estadunidenses a Natal. Logo alguns soldados judeus servindo as forças armadas dos Estados Unidos começaram a participar e animar a vida comunitária dos judeus em Natal.

Em agosto de 1942 era o próprio Brasil que entrava na Segunda Guerra Mundial. Em Natal e a população foi chamada para participar do esforço de guerra, com ações da defesa passiva. A tradicional comunidade sírio-libanesa de Natal, tendo a frente Neif Habib Chalita e Kalil Abi Faraj, participou deste processo junto com outras colônias de estrangeiros que viviam na cidade, entre estas os judeus. Nestas atividades eles eram liderados por José Palatnik e Leon Volfzon. Não sabemos em que grau ocorreu a participação destas comunidades no processo de defesa passiva de Natal, nem como foi a interação de sírio-libaneses e judeus neste objetivo, mas tudo leva a crer que transcorreu sem maiores alterações em razão da inexistência de notícias apontando problemas.



A Colonia Sirio-Libaneza e a Defesa Passiva da cidade

Da Diretoria de Propaganda do Serviço de Defesa Passiva, deste Estado, recebemos a seguinte **nota**:

"Uma comissão da colonia sirio-libanesa, desta cidade, composta dos senhores Neif Habib Chalita, Raschid Amin, Kalil Aby Faraj e Hares Chaiber, esteve ontem, ás 19 horas na séde da Diretoria Regional da Defesa Passiva deste Estado, á Praça 7 de Setembro, 577.

Recebidos pelo coronel André Fernandes, exprimiram a sua integral solidariedade ao povo brasileiro, neste momento de graves apreensões. Ao mesmo tempo, declararam haver solicitado aos patricios do Rio e S. Paulo, auxilios para a Caixa de nossa Defesa Passiva que já estavam chegando.

O cel. André Fernandes, chefe do Serviço Regional de Defesa Passiva, agradeceu sensibilizado essa demonstração positiva de solidariedade da colonia sirio-libaneza, salientando que a mesma sempre se colocara, entre nós, na vanguarda das boas iniciativas.

Segundo estamos informados, outras colonias estrangeiras aqui residentes estão se movimentando afim de dar tambem o seu apoio á nossa Defesa Passiva ,inclusive a colonia israelita liderada pelos senhores Leos Wolfzon e José Palatinick, do alto comercio.

Participação da tradicional comunidade sírio-libanesa de Natal no processo de defesa passiva da cidade durante a Segunda Guerra Mundial, juntamente com a comunidade judaica.

Com a chegada dos estadunidenses houve um aporte financeiro muito intenso na capital potiguar. Consequentemente a cidade se encheu de forasteiros em busca dos preciosos dólares e este aumento populacional trouxe consequências para Natal. Entre estes figuram o aumento da carestia e a falta de moradias e esse ultimo fato motivou os Palatnik a abrir um novo negócio – Uma loja de material de construção para abastecer um mercado que construía novas casa.

Mas a pequena e calma cidade, que crescia a olhos vistos, já não atraia os judeus como no passado.

Vila Palatnik

Após a Segunda Guerra Mundial tem início a migração dos judeus natalenses para outros centros urbanos como Rio de Janeiro e Recife, mas alguns seguiram para o recém-criado Estado de Israel. Assim, com o número de judeus extremamente reduzidos em Natal, as atividades do Centro Israelita foram encerradas em novembro de 1968.

Segundo a historiadora Luciana Souza de Oliveira a história da presença dos judeus em Natal foi algo expressivo. Eles foram os responsáveis por construir na capital Potiguar uma das comunidades judaicas mais atuantes do Brasil, que chegou a ser conhecida na Palestina como a Jerusalém do Brasil.

As famílias judias que se estabeleceram na cidade mudariam não apenas a história dos judeus em Natal, mas o próprio espaço urbano e cultural. Foi na capital potiguar que eles tiveram a oportunidade de (re)construir as suas vidas oferecendo a cidade o que eles tinham de melhor: o trabalho e suas mercadorias. Em contrapartida a cidade os recebeu consumindo os seus produtos importados e dando a eles uma condição de vida digna na qual puderam oferecer a suas famílias o suprimento de suas necessidades.

A imigração deste grupo de judeus para Natal representou mais que um simples evento, foi a importante inserção de um povo, de uma cultura, uma religião, uma economia, organização espacial e social, bem como a (re)construção do "seu lugar" na capital Potiguar.

Irmãos Palatnik

FONTE: Autor – Rostand Medeiros - https://tokdehistoria.com.br/2016/10/12/judeus-em-natal-a-saga-dos-palatinik/

REFERÊNCIAS:

CASCUDO, Luís da Câmara. Yom Kippur em Natal. Jornal A República, Natal, n. 881, p.7, 12 nov. 1933.

OKSMAN. Sérgio (dir.). Irmãos de Navio: Histórias da Imigração Judaica no Brasil. São Paulo: Documenta Filmes, 1996. DVD (60 min), son., color.

ROZENCHAN, Nacy. Os judeus de Natal: Uma comunidade segundo o registro de seu fundador. Revista Herança Judaica, n. 106, abr. 2000. São Paulo: B´nai B´rith 2000.

SCHEINDLIN, R. História ilustrada do povo judeu. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

WOLFF, Egon; WOLFF, Frieda. Natal, uma comunidade singular. Rio de Janeiro: Cemitério Comunal Israelita, 1984.

NOTA:

[1] Abrahan Palatnik é filho de Tobias e Olga Palatnik e com apenas quatro anos de idade imigrou de natal para a região onde, atualmente, se localiza o Estado de Israel. Entre 1942 e 1945, frequenta a Escola Técnica Montefiori, em Tel Aviv, e se especializa em motores a explosão. Só retorna ao Brasil, para o Rio de Janeiro, em 1948. Por volta de 1949, inicia estudos no campo da luz e do movimento, que resultam no Aparelho Cinecromático, exposto em 1951 na 1ª Bienal Internacional de São Paulo, onde recebe menção honrosa do júri internacional. Desenvolve a partir de 1964 os Objetos Cinéticos, um desdobramento dos cinecromáticos, mostrando o mecanismo interno de funcionamento e suprimindo a projeção de luz. O rigor matemático é uma constante em sua obra, atuando como importante recurso de ordenação do espaço. É considerado internacionalmente um dos pioneiros da arte cinética. Abraham Palatnik é consagrado pioneiro, o primeiro que explorou as conquistas tecnológicas na criação de vanguarda brasileira, tornando as máquinas aptas a gerarem obras de arte. Ver – https://www.escritoriodearte.com/artista/abraham-palatnik/

Maurício Pandolphi
Jornalista

TV UNIVERSITÁRIA

50 ANOS DE UMA
história que não pode ser esquecida

No dia 2 de dezembro próximo a TV Universitária estará comemorando 50 anos de existência. Foi ela a pioneira e, durante longos 15 anos, a única emissora geradora de televisão em canal aberto do Rio Grande do Norte.

Entretanto, com o surgimento das emissoras comerciais locais, a partir de 1987, a TVU – como sempre foi chamada popularmente – passou a ser indevidamente postergada nos relatos mais comuns que vem abordando a história da televisão potiguar.

A revista BZZZ inicia nesta edição uma série de matérias sobre essa emissora educativa, pertencente à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com o objetivo de relembrar sua história e reforçar o peso que ela teve – e que ainda tem! - na formação de centenas de profissionais que hoje atuam no meio televisivo local e nacional e na própria constituição da cultura televisiva em nosso estado.

COMO TUDO COMEÇOU

A TV Universitária teve seu nascedouro na ousadia de um cientista visionário, que no início da década de 1960 foi um dos idealizadores e principais defensores da entrada do Brasil na então recém iniciada exploração espacial: o cearense Fernando de Mendonça, oficial-piloto reformado da Força Aérea Brasileira e engenheiro eletrônico, ainda hoje uma voz respeitada nos meios científicos brasileiros, aos 97 anos de idade.

Ele foi o Diretor Científico da Comissão Nacional de Atividades Espaciais - CNAE, criada em 1963 e transformada em Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE, em 1971, já sob sua direção geral.

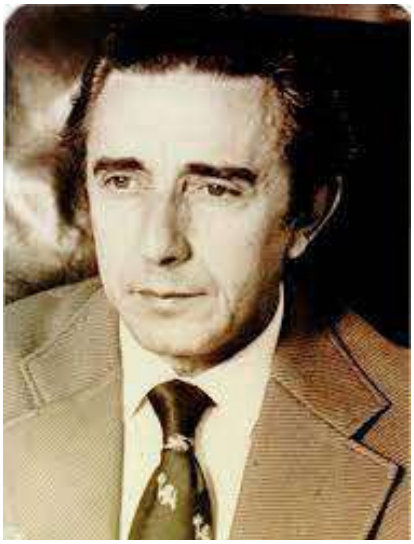
Graduado pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), Mendonça fez seu doutorado em radiociências na Universidade de Stanford, nos EUA, onde foi profundamente influenciado pelas então nascentes tecnologias de comunicação e de educação à distância vias satélites.

Mendonça escolheu o Rio Grande do Norte para uma experiência inédita, denominada Projeto SACI – Sistema Avançado de Comunicações Interdisciplinares, que tinha o objetivo de levar a educação a distância às áreas rurais, num estado à época carente no setor e detentor de taxas elevadas de analfabetismo, bem como de viabilizar politicamente a construção de um satélite brasileiro.

As primeiras tratativas entre a CNAE, o governo do Estado e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte ocorreram durante o governo de Monsenhor Walfredo Gurgel, quando a UFRN era dirigida pelo reitor Onofre Lopes, mas a ideia só foi efetivamente levada adiante em 1971, quando se iniciou o processo de obtenção de um canal de televisão e a constituição de duas equipes, uma de produção de conteúdos educacionais, sediada na sede do INPE, em São José dos Campos, e outra, de logística, em Natal, ambas em parceria com a Secretaria Estadual de Educação do RN e a UFRN.

Começava naquele momento a história da TV Universitária, que seria a partir de então a primeira geradora dos sinais de TV para a Grande Natal e partes do estado, onde chegava graças a retransmissores instalados na Serra de Santana e em Mossoró. Houve também, por um breve período, a transmissão das aulas do Projeto SACI através do satélite norte-americano ATS-6 e que foram recebidas diretamente em algumas escolas, dotadas de pioneiras antenas especiais de recepção.

Um dos participantes decisivos desse processo é o professor aposentado da UFRN, que foi também pró-reitor da UFRN e secretário de Educação do RN, Dalton Melo de Andrade, que concedeu entrevista exclusiva à BZZZ. *(Vide o destaque desta reportagem).*



Fernando de Mendonça, diretor do INPE e um dos fundadores da TVU, na época da criação da emissora

A HISTÓRIA 'QUASE' COMEÇOU COM UM TRANSMISSOR OBSOLETO

Primeiro logotipo da TVU

Desde o início decidiu-se que caberia à UFRN a luta pela concessão de canal aberto de televisão junto ao Ministério das Comunicações. Outra medida foi buscar recursos para adquirir os equipamentos necessários para a produção local e a geração dos sinais. Logo se viu que ambas as coisas não seriam fáceis, uma vez que os recursos financeiros eram inexistentes, numa universidade em fase de transição administrativa, e a concessão oficial se revelou problemática, pois havia setores do Governo Federal avessos a dotar com canais de TV as universidades federais, mesmo já tendo sido concedida uma emissora educativa para a UFPE, em 1968. Naquele mesmo ano a UFRN tentara obter a concessão de uma emissora de rádio AM, e tivera o pedido negado. Em consequência disso as aulas do SACI, que também eram produzidas para o rádio, foram veiculadas posteriormente em parceria com as emissoras AM da Igreja Católica então existentes, entre elas a Rádio Rural de Natal.

Entrega dos equipamentos da Maxwell, em 1971. Presentes na foto, entre outros, o ex-reitor Onofre Lopes, o reitor Genário Alves da Fonseca e o secretário de Educação Dalton Melo de Andrade

No caso da TV, um transmissor de segunda mão foi oferecido e doado à UFRN pelo governo do estado do Maine, nos EUA, e prontamente aceito. Mas quando o equipamento aqui chegou, viu-se que ele já era obsoleto e inviável: era do fabricante RCA, tinha 10 quilowatts de potência, mas com tecnologia do início dos anos 1950 e sua manutenção seria muito difícil no Brasil. Além disso, pesava várias toneladas e era refrigerado à água, o que tornava impossível instala-lo no ponto mais alto das dunas de Natal, pois isso exigiria a construção de uma estrada pavimentada morro acima, em área de dificílimo acesso, bem como uma canalização especial de água corrente.

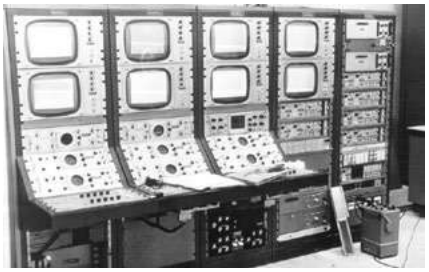
Diante do impasse, Fernando de Mendonça tratou de doar à UFRN, através do INPE, um transmissor moderno, embora de apenas 2 quilowatts de potência, além dos demais equipamentos necessários à instalação dos estúdios, tudo de fabricação nacional, da recém criada indústria Maxwel, e que, de quebra, ainda oferecia a manutenção do conjunto. Esses equipamentos chegaram em Natal no final de 1971, já na administração do reitor Genário Alves da Fonseca.

UMA DISPUTA INSÓLITA COM O MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

No final de 1972 os equipamentos já estavam instalados, na sede do escritório de representação do INPE em Natal, onde se construíra um grande estúdio, e as equipes de produção do Projeto SACI já em plena atividade, com dezenas de aulas prontas e destinadas à formação de professores da Secretaria Estadual de Educação e à alfabetização de alunos do ensino básico, mas o Ministério das Comunicações não concedia a licença para entrada no ar do canal de TV.

Fernando de Mendonça então resolveu as coisas à sua maneira e autorizou a entrada no ar da TV Universitária de Natal, mesmo sem a licença oficial, o que ocorreu em 2 de dezembro daquele ano.

Depois, com o ex-reitor Onofre Lopes a tiracolo, foi para Brasília, comunicou ao então ministro das Comunicações, Hygino Corsetti, que a TV já estava no ar e exigiu a autorização legal. Eram ambos oficiais da reserva de alta patente, ele da Aeronáutica e o ministro do Exército, e a pendenga se resolveu no âmbito das insígnias. Depois de muita discussão, sem outra alternativa, o ministro assinou a esperada concessão.



Primeiros equipamentos de estúdio da TVU, ainda em P&B, da marca nacional Maxwell

> "Foi a força política de Fernando de Mendonça que pôs a estação no ar. O Dr. Onofre foi com ele pegar a licença e disse que a briga foi feia. Era fato consumado, a estação estava no ar e não tinha como negar."
>
> **DALTON MELO DE ANDRADE**

OS PRIMEIROS ANOS, DE 1972 A 1976

A programação da emissora, nos primeiros anos, enquanto funcionou no estúdio montado nas instalações do INPE em Natal, foi limitada, diante das carências de equipamentos de ponta e de recursos financeiros para sua execução, além do fato de que não existia na época uma rede nacional de emissoras educativas com a qual pudesse se associar.

Para se ter uma ideia dessa carência, a TVU contava com apenas duas câmaras de estúdio Maxwell, dois vídeo tapes, ambos Ampex, modelos 7.900 e 1.200, quatro microfones, dois projetores de filmes 16 mm chamados Telecine, cinco ou seis spolights de iluminação e duas câmaras cinematográficas Bolex, também de película 16 mm, que eram usadas na obtenção de imagens externas. Em consequência não se gravavam entrevistas externas: os cinegrafistas colhiam as imagens e os repórteres redigiam textos, que eram lidos em OFF pelos apresentadores. Um pequeno gravador de vídeo tape externo, semiprofissional, chegou a ser utilizado umas poucas vezes, até quebrar e ser aposentado.

Ou seja, fazia-se televisão com a cara, a coragem e muito talento para superar dificuldades. Mesmo assim, quem quiser ver as imagens dos acontecimentos sociais, esportivos, culturais e políticos de Natal naqueles anos terá que se servir do acervo de mais de 500 rolos de filmes do período, até hoje guardados no acervo da TVU

A emissora entrava no ar no início da manhã e exibia as aulas do projeto SACI, saia do ar e retornava no início da tarde, para a reapresentação das mesmas aulas. Depois saia novamente do ar e retornava no início da noite, agora com sua programação produzida em Natal, que consistia de um telejornal diário e de alguns programas de entretenimento semanais, todos gravados. Também iam ao ar antigos desenhos animados e muitos documentários de uma série chamada Transtel, produzida pelo governo da Alemanha Ocidental.

Das produções locais destacavam-se do "Telejornal 5", que ia ao ar de segunda à sexta, o "Semanarius", programa de entrevistas apresentado por Ana Maria Cascudo Barreto, o "Aconteceu", resumo jornalístico da semana, que ia ao ar nos domingos, e os musicais "Teleshow Cinco", programa de auditório apresentado por Carlos Alberto de Souza e animado pela banda Impacto Cinco, e "Painel Musical", apresentado por Erivanaldo Galvão e dedicado a apresentações de artistas nacionais que vinham a Natal, dentro do Projeto Pixinguinha.

Ao vivo a TVU só tinha mesmo a missa dominical celebrada em estúdio pelo Padre Penha – a igreja se recusava a gravar a missa – e a transmissão anual com os nomes dos aprovados no vestibular da UFRN, evento que reunia uma multidão de alucinados e ansiosos jovens na porta da emissora.

RELEMBRANDO PROFISSIONAIS QUE ATUARAM NA TVU ENTRE 1972 E 1976

A TVU foi, desde o seu início, um verdadeiro celeiro para a formação de profissionais, alguns deles oriundos do rádio potiguar e do jornalismo impresso, outros inicialmente como estagiários do curso de Jornalismo da Fundação José Augusto, depois incorporado em 1974 ao recém criado Departamento de Comunicação Social da UFRN. Infelizmente não restou documentação impressa com as relações de profissionais, devido às mudanças de endereço da TVU, pelo que me valho da memória e também das lembranças de Rodivan Barros (foto), o único remanescente da equipe inicial ainda em atividade na TVU e prestes a completar 50 anos de casa. Foram eles:

NO JORNALISMO

Sanderson Negreiros e Berilo Wanderley, diretores de jornalismo; os apresentadores Emmanoel Pereira (hoje ministro do TST), Tânia Mendes, Ademir Ribeiro, Liênio Trigueiro, Alberto Ribeiro, José Ary, Samuel Fernandes, Ana Maria Cascudo Barreto e Maurício Pandolphi (transferido do INPE de São José dos Campos em 1975); e os repórteres, produtores e redatores Jácio Fiúza, Norma Lúcia, Vânia Marinho, Aldemar de Almeida, Aluísio Lacerda, Airton Bulhões, Ricardo Rosado, Rogério Cadengue e Fátima Leandro, todos ainda estudantes.

Foto obtida no dia da inauguração. Nela estão, a partir da esquerda, Rovan Barros, José Ocean, Gilberto de Souza e Wellington Marinho. No centro, de branco, o médico Marcos Fulco, um dos convidados na ocasião

NA TÉCNICA

Jean Paul, diretor técnico; os técnicos Assis Carlos Fernandes, Rovan Barros, Francisco Vieira e José Aprígio; os operadores de áudio e vídeo, iluminadores, auxiliares cinegrafistas e câmeras José Casé, José Correia, José Siéba, Rodivan Barros, Carlinhos Meirelles e Norio Higashi (esses dois também vindos de S.J. dos Campos), José de Lima, Eudes Rego, Evaldo José, Luiz de França, os irmãos Iran e Nildo Seabra, Humberto Lima, Gilberto de Souza, Mayron Roberto, Edmar Fernandes, Dácio Galvão, José Crisóstomo, José Ocean, Wellington Marinho e Clóvis Carvalho, além de diversos bolsitas-estagiários, oriundos de diversos departamentos da universidade.

Uma curiosidade: nessa equipe técnica, entre 72 e 76, atuaram apenas duas mulheres, Cleonice Lucas, maquiadora, e Joana Régis, secretária de produção.

NA DIREÇÃO

Dalton Melo de Andrade, diretor na fase de implantação, e Adauto Mota, diretor-geral do INPE e da TVU entre 1972 e 1976. A partir de 1976, Paula Pires, José de Castro, João Batista Campanholi e Arnon de Andrade, vindos do INPE de São José dos Campos, sendo que os três últimos depois viriam a assumir respectivamente as diretorias de Programação, de Produção e Direção Geral da emissora, já na fase de transferência da TVU para o controle único da UFRN e para sua nova sede, nas instalações da antiga Escola Industrial, na Av. Rio Branco.

ENTREVISTA

Dalton Melo de Andrade é professor aposentado da UFRN, onde foi Reitor de Planejamento por oito anos e primeiro diretor da TVU. Também foi secretário de Educação do Rio Grande do Norte, durante o governo de Cortez Pereira. Dotado de uma memória privilegiada, aos 92 anos de idade, ele concedeu à BZZZ esta entrevista, onde fala de sua participação na criação da emissora.

BZZZ – Como foi que nasceu a proposta de criar esse pioneiro projeto de teleducação no RN, que acabou gerando a TVU?

DALTON – Até onde sei, nasceu com Fernando de Mendonça, que era o Diretor da CNAE e viu um projeto na Índia, já funcionando, que poderia ser facilmente aplicado ao nosso país, o uso de satélite para ensino a distância. Quando voltou, começou a pesquisar onde e como poderia implantar algo semelhante. Lembrou-se do Nordeste, super carente. Em Natal, já funcionava a estação de lançamentos de foguetes, que o trazia muito a Natal, e ficou conhecendo a universidade e seus projetos inovadores, como o CRUTAC. Fernando procurou o reitor, Dr. Onofre Lopes, para conversar sobre o assunto e perguntar se ele se associaria ao projeto. Explicou os detalhes, o que esperava da participação da UFRN e o Dr. Onofre aceitou na hora. Fernando então pediu para ele indicar um seu representante para continuar as discussões e ele me indicou. Combinaram um novo encontro, no qual eu estaria presente. Assim começou tudo.

BZZZ – Quais eram as relações entre o governo do Estado, a UFRN e a CNAE, omissão Nacional de Atividades Espaciais, depois INPE, no período que antecedeu a criação do SACI?

DALTON – Antes do SACI não havia nenhuma relação entre a CNAE, a UFRN e o Estado. Esse relacionamento iniciou-se com a implantação do projeto e à medida que a presença de uma dessas entidades era necessitada. O último foi o Estado, que seria o campo do experimento.

BZZZ – Você acredita que a visão inovadora do governo Cortez Pereira tenha facilitado a implantação do projeto e seu sucesso posterior?

DALTON - Cortez deu grande impulso ao projeto quando se tornou Governador e eu seu secretário de Educação. Isso ocorreu no início dos anos 70, quando já tínhamos o próprio Estado já participando do projeto, mas de forma ainda modesta e sem muito entusiasmo. Com a chegada de Cortez e comigo na Secretaria de Educação, resolvemos incrementar o programa e chegamos a ter cerca de quinhentas escolas dentro do programa

BZZZ – Qual foi sua atuação pessoal no projeto?

DALTON – Começamos a identificar com mais cuidado as necessidades para a implantação do projeto e como atende-las. Obviamente, além do pessoal, já praticamente atendido, havia que atender também as necessidades materiais, como locais de trabalho, salas de aula em todo o Estado, televisões que receberiam o sinal do satélite ainda imaginário, e o mais importante, o transmissor dos sinais, a estação de televisão. As necessidades locais foram atendidas sem muitas dificuldades. Em pouco tempo dispunhamos de cerca de 500 salas, utilizando não só as escolas, mas todos os espaços encontrados, como clubes

de mãe, paróquias e quaisquer outros espaços que pudéssemos conseguir.

BZZZ – Como se resolveu o problema de ter uma estação de televisão e os equipamentos necessários para sua implantação?

DALTON – O grande problema de fato era a estação de televisão. Aí, procuramos o apoio das entidades locais, como associações profissionais, clubes de serviço e os grupos internacionais como a associação Maine/Rio Grande do Norte. O pessoal do Maine se interessou pela ideia e conseguiu a doação de uma estação usada, mas operacional e bem conservada, como se acreditava então, e que foi doada à UFRN e trazida para Natal pela FAB. Quando aqui chegou nossos técnicos verificaram a dificuldade que nos causaria em termos operacionais, pelo seu alto consumo de energia, pessoal especializado e manutenção.

BZZZ – Qual foi a solução encontrada na época?

DALTON – Essa dificuldade foi resolvida pela CNAE, que comprou uma estação de fabricação nacional, de potência bem mais baixa, de baixo consumo e custo de manutenção, que foi doada à UFRN e se tornou a TV Universitária, primeira televisão a ser instalada no Estado, sob a responsabilidade e direção da universidade. De passagem, lembro que fui o primeiro Diretor, nomeado pelo Prof. Onofre Lopes. Para mim foi um reconhecimento ao nosso trabalho, desde a primeira conversa entre o Fernando de Mendonça e o Dr. Onofre Lopes.

BZZZ – Como foi a obtenção da concessão do canal de televisão junto ao governo federal?

DALTON – O pedido foi encaminhado ao Ministério das Comunicações, mas a licença estava demorando para sair. Então Fernando de Mendonça mandou colocar a televisão no ar e depois foi para Brasília, para uma conversa com o ministro das Comunicações, um coronel, o Hygino Corsetti. A conversa foi dura, mas ele voltou com a concessão assinada. Foi a força política de Fernando de Mendonça que pôs a estação no ar. O Dr. Onofre foi com ele pegar a licença e disse que a briga foi feia. Era fato consumado, a estação estava no ar e não tinha como negar.

BZZZ – Pelo que se sabe, foram criadas duas equipes de trabalho, uma em Natal e outra na sede da CNAE - depois INPE – em São José dos Campos, São Paulo. Como isso foi feito?

DALTON – Com a estrutura física praticamente pronta, agora era fazer operar a parte humana, técnicos e professores, que fariam a materialização dessas atividades. Aí entrou com força a participação do Estado. O governo já estava sob o comando de Cortez Pereira e eu na Secretária de Educação, o que veio a agilizar de forma contundente o apoio estadual a todas essas iniciativas: contratação das salas de aulas, professores, pessoal auxiliar na área estadual e tudo o mais que dependia desse apoio. Também foi formado um grupo de pessoal em São José dos Campos, sede da CNAE, para preparação de aulas.

BZZZ – Essas equipes contaram com a participação de profissionais especializados vindos dos Estados Unidos?

DALTON – Não houve participação americana decisória em qualquer fase do programa, seja na sua montagem, seja na sua ação. Todos os envolvidos eram brasileiros. Um ou outro consultor, para necessidades específicas, poderia ser estrangeiro, o que de fato aconteceu.

BZZZ – Qual é seu sentimento hoje, passados 50 anos, ao relembrar essa bela história?

DALTON – Ter a oportunidade de falar sobre o Projeto SACI e a criação da TVU me traz ótimas lembranças de pessoas, objetivos, sucessos e fracassos. Nosso grupo, dedicado e entusiasta, trouxe mais alegrias que tristezas. Cada novo dia, era um dia novo. Novas interações, novas ideias e novo trabalho. Toda essa vivência nos permitiu criar um grupo forte, unificado e buscando o sucesso.

Nelson Mattos Filho
Velejador - avoante1@hotmail.com

VIDA A BORDO 146 - 23/09/2009

REFENO 2009

REFENO 2009, UMA REGATA!

"Avoante, copia Mary Mary! Avoante, copia Mary Mary!
-"Aqui veleiro Avoante, quem chamou veleiro Avoante".
"Avoante, se segura por aí. Acabamos de pegar um vendaval muito forte. Vento de 35 nós e com muita chuva. A coisa aqui está endiabrada! "
-"Muito obrigado Mary Mary, vamos nos preparar"
"Avoante riza tudo que a coisa é feia"
"Ok!"

Tudo pronto para a REFENO 2009, Regata Recife/Fernando de Noronha, e mais uma vez o Avoante se fez presente nesse congraçamento da vela de oceano que movimenta o mundo náutico brasileiro. Este ano, 92 barcos estavam escritos para o desafio das 300 milhas em busca das belezas da Ilha de Noronha.

O prêmio pode não ter muito valor, apenas alguns troféus e umas medalhas aos participantes. Mas a alegria e o prazer de chegar a ilha maravilha, que tem as mais bonitas praias do Brasil e uma paisagem fascinante, é o que faz a grandeza da competição.

No ano passado ganhamos o troféu Tartaruga Marinha, o penúltimo barco a chegar. Este ano não almejávamos o Tartaruga, mas se viesse seria muito bem recebido. Faríamos história se fossemos bicampeões.

As previsões sobre os ventos não eram tão animadoras, teríamos vento leste e fraco. Em outras palavras, teríamos vento contra durante todo o percurso. Eu como velejador cruzeirista não me surpreendia com essas previsões, apenas achava que iria demorar para chegar a Ilha, mas se assim fosse, assim seria. Nada melhor do que algumas horas a mais entre o céu e o mar.

Este ano o Avoante estava com uma tripulação bastante populosa. Eu, Lúcia, Fernando, Marta, Milito e Simarone. Muita gente, porém, de qualidade. Seis pessoas naquele barquinho, enfrentando 300 milhas de mar. Era mais um desafio que iríamos enfrentar.

Largamos Sábado 19 de setembro, às 15h. O Marco Zero, local da largada, fervia de animação com muita gente prestigiando o evento e incentivando cada barco que desfilava para a platéia. Um locutor irradiava com emoção, e certa dose de encantamento, tudo o que se passava na água. Nossa tripulação ficou tão empolgada com a saudação do público que fez até coreografia. A turma balançava os braços como se estivesse voando. Ainda bem que a platéia sorriu, senão seria um vexame, aqueles marmanjos balançando os braços, querendo voar. Sei não viu, Milito!

Como sempre, não largamos bem, o vento fraco não era bom para nosso barco/casa, com sobrepeso e entupido de tripulantes. Mas quando seguimos pelo canal do Porto do Recife, a coisa foi mudando de figura e ao chegar à boca da barra já brigávamos lado a lado com os primeiros colocados do nosso grupo. Muito Bom!

Animado, assumi uma postura de comandante regateiro e instiguei a tripulação a entrar no clima da competição. Mas, como regateiro é regateiro e cruzeirista é cruzeirista, fui com tanta sede ao pote que meti os pés pelas mãos. Numa manobra mais ousada tentei mexer na esteira da vela grande, em plena disputa por uma boa colocação. Cada um na sua e aquela não era minha praia.

A manobra foi por água abaixo e para tentar consertar a situação, larguei o timão e fui ajudar na faina com a vela. Resultado: A roda de leme quebrou, e para nossa decepção ficamos a ver navios com a turma tomando o rumo da ilha e nós abandonamos a regata, temporariamente, e retornamos ao Recife para consertar minha besteira.

Fiquei desolado com essa atitude intempestiva e envergonhado diante da minha brava tripulação, principalmente de Lúcia, que tinha tentado me substituir no timão quando aconteceu a quebra.

Comunicamos nosso retorno à comissão de regata, para resolver o problema, e ancoramos no Pernambuco Iate Clube, onde passamos longas três horas de manutenção.

Tudo resolvido, inclusive com meu pedido de desculpas, levantamos vela e aproamos a Ilha. Mas aí, a história da regata já era outra!

O BRASIL VISTO DAS LENTES

Vila Velha-ES

PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO NACIONAL GANHA REGISTROS FOTOGRÁFICOS DE FERNANDO CHIRIBOGA PARA CELEBRAR O BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

Por Gustavo Farache
Fotos: Chiriboga

O olhar profissional e as lentes do fotógrafo Fernando Chiriboga, equatoriano radicado no Brasil e potiguar de coração, farão parte da celebração do Bicentenário da Independência do Brasil, que será comemorado em 7 de setembro de 2022.

Chiriboga é responsável pela autoria do projeto editorial Relíquias – Bicentenário da Independência do Brasil – 2022 -, uma coleção de quatro livros, cada um dedicado ao registro fotográfico do patrimônio arquitetônico das regiões do Brasil. A coleção é patrocinada por cinco empresas luso-brasileiras: EDP; Cisa Trading; MDS Brasil, Banco Luso-Brasileiro e Grupo Telofran, através da Lei de Incentivo à Cultura, Secretaria Especial de Cultura e do Ministério do Turismo.

A ideia genial surgiu através do livro "Relíquias – Patrimônio Arquitetônico do Nordeste Brasileiro", lançado em 2014, reeditado em 2019, e que integra a coleção comemorativa. A riqueza patrimonial revelada pela edição do Nordeste abriu caminhos para que as cidades históricas do Sul e Sudeste também tivessem os registros eternizados. O segundo livro - "Relíquias – Patrimônio Arquitetônico do Sudeste do Brasil" - acaba de sair da gráfica e seu lançamento deve acontecer no mês de junho. A obra revela 250 fotos selecionadas de um total de mais de 12 mil imagens feitas em quatro estados e 18 cidades visitadas pelo fotógrafo. Entre os municípios, destacamos: Ouro Preto (MG), Tiradentes (MG), Diamantina (MG), Vitória (ES), Vila Veklha (ES), Anchieta (ES), São Paulo (SP), Santos (SP), São Luiz de Paraitinga (SP), Rio de Janeiro (RJ), Petrópolis (RJ) e Paraty (RJ).

Patropolis-RJ

Para o autor, que percorreu diversas cidades seculares, com seus sítios históricos e valor imensurável, a execução do projeto é tentadora. “Sempre fui um apaixonado por obras arquitetônicas e monumentos históricos, por sua beleza incontestável, por seu valor ambiental e por seu inegável testemunho de um passado construtor da história de povos e lugares”, diz Chiriboga, que percorreu mais de 5 mil quilômetros para fotografar o Sudeste do Brasil.

Uma particularidade revelada por Chiriboga é que a pandemia, apesar de ter obrigado o projeto atrasar um pouco o cronograma, serviu como facilitadora. Ele explica: “Viajamos para Minas Gerais ainda quando ainda muita gente estava em lockdown e isso facilitou muito o registro das fotos em lugares que, normalmente, sempre estão cheios de turistas”.

Em processo de elaboração, o livro “Relíquias – Patrimônio Arquitetônico do Sul do Brasil” também contará com 250 fotografias dos três estados sulistas, com imagens de 17 cidades da região. A edição encontra-se em fase de finalização.

Diretor executivo da EDP no Brasil, uma das empresas patrocinadoras, João Marques da Cruz considera que o “trabalho apurado de compilação e registro fotográfico comprova a importância de preservação do acervo arquitetônico brasileiro para uma melhor compreensão dos

Theatro Municipal-RJ

Patropolis-RJ

valores, estilo de vida e organização da sociedade brasileira pelas novas gerações". A Região Norte também terá sua edição e as fotos estão programadas para o início do segundo semestre, quando Fernando Chiriboga embarca para mais uma missão. Todo o projeto gráfico e a diagramação são assinados por Leila Chiriboga, esposa do fotógrafo e responsável pelas legendas e coordenação de pesquisa.

Patropolis-RJ

Paraty-RJ

Curitiba-PA

Relíquias de SP

Fernando Chiriboda lança livro com imagens do litoral potiguar

Fernando Chiriboga e Leila em Morretes, no Paraná

Curitiba-PA

Convento do Carmo-ES

MAGO DAS LENTES

Nascido nos Andes equatorianos, Fernando Chiriboga reside em Natal (RN) desde o ano de 1985. Iniciou sua carreira como fotógrafo profissional em 1990, tendo como foco a fotografia de arquitetura e natureza.

Em 2004 lançou o seu primeiro livro, retratando a Mata Atlântica potiguar. Desde então já publicou dezesseis livros, sendo o "Relíquias – Patrimônio Arquitetônico do Sudeste do Brasil" a sua 17ª obra. Atuando no campo da fotografia FineArt, possui quadros espalhados por várias partes do Brasil e do mundo.

Fernando e a esposa Leila Chiriboga

Chiriboga em Porto Alegre-RS

Anderson Tavares de Lyra
Historiador
Visite o BLOG de HISTÓRIA E GENEALOGIA:
www.andersontavaresrn.blogspot.com

Fachada da antiga Sé antes da reforma

ANTIGA SÉ

Matriz de Nossa Senhora **da Apresentação**

O Centro Histórico de Natal nos oferece uma viagem especial ao nosso passado e um reencontro emocionante com os nossos antepassados através de monumentos, ruas, travessas, becos, praças e prédios. Nesse sentido, vamos explorar a história da primeira igreja erguida no território potiguar, através de informações técnicas recolhidas no relatório da equipe interdisciplinar que atuou na sua restauração, ocorrida no ano de 1995.

A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação, localizada no outeiro do sítio onde Jerônimo de Albuquerque Maranhão implantou a cidade do Natal, destaca-se na paisagem urbana da atual Praça André de Albuquerque, antiga Rua Grande, dos primórdios de Natal, em pleno Centro Histórico da Cidade.

O templo é monumento tombado pelo Governo do Estado e pertence à Arquidiocese de Natal. Contudo, tornou-se muito mais que uma casa de orações. Transformou-se em um monumento que o Rio Grande do Norte orgulha-se de possuir e exibir, constituindo-se numa das poucas igrejas do Brasil erguidas no início do século XVII.

A capela que deu origem a atual igreja foi construída em 1599. Ali foi celebrada a missa de fundação da Cidade do Natal.

O primeiro vigário provido na freguesia de Nossa Senhora da Apresentação foi o padre Gaspar Gonçalves da Rocha, conforme consta na Relação de Ambrósio Siqueira da Receita e Despesa do Estado do Brasil, documento de 1605.

Antiga Catedral

Algum tempo após a construção da primitiva capela projeta-se uma nova igreja, com dimensões superiores. Em 1619, o templo ampliado foi inaugurado.

No período de 1633 a 1654, os holandeses dominaram a Capitania do Rio Grande. Naquela época Natal, segundo os cronistas, possuía apenas 40 casas. A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação foi convertida em um templo calvinista, a partir da prédica realizada pelo pregador Johanna, em 18 de dezembro de 1633.

Expulsos os invasores flamengos, da Capitania, em 1654, destruíram tudo que puderam, inclusive os livros de registros referentes à igreja.

O padre Leonardo Tavares de Melo foi o primeiro vigário da Matriz de Natal após a reconquista portuguesa. Ele chegou ao Rio Grande em 1656, segundo consta no Registro de Concessão de Data e Sesmaria do Senado da Câmara do Natal, datado de 02 de janeiro de 1660.

O novo vigário logo cuidou da recuperação da igreja, porém as obras somente foram concluídas em 1694.

Ao longo dos séculos, a igreja sofreu inúmeros benefícios e acréscimos. A construção da torre, em 1862, concluía definitivamente, o projeto original da igreja.

A padroeira de Natal é Nossa Senhora da Apresentação, sua imagem remonta ao século XVII e chegou à Cidade, segundo a tradição, boiando dentro de um caixote de madeira, em 21 de novembro de 1753. Motivo pelo qual a imagem que é, na verdade, Nossa Senhora do Rosário, passou a ser venerada como da "Apresentação". Antes de 1659, segundo forte tradição oral recolhida por diversos historiadores, Santa Quitéria foi padroeira de Natal.

Dezenas de sacerdotes já passaram pela Matriz. O primeiro deles foi o padre Gaspar Gonçalves da Rocha, cujo sucessor nos dias atuais é o padre Bianor Francisco de Lima Júnior.

Em 1633, durante o domínio holandês, o pároco era o Pe. Ambrósio Francisco Ferro, que foi assassinado em Uruaçu, junto com outros 27 paroquianos, fato que os tornaram Mártires, canonizados pelo Papa Francisco, em 2017.

Em outubro de 2017 os mártires de Uruaçu e Cunhaú foram canonizados pelo Papa Francisco, na Praça de São Pedro, Vaticano.

No final de 1881 até 1905 foi vigário da Matriz o Servo de Deus padre João Maria Cavalcanti de Brito, cuja memória é reverenciada até os nossos dias em função do muito que fez pela sociedade de sua época.

Missa celebrada pelo padre João Maia para marcar a virada de 1899 para 1900

O MONUMENTO

A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação, após a reforma ocorrida no ano de 1995, transformando-se em um monumento que a cidade orgulha-se de possuir e exibir. É ela uma das poucas igrejas do Brasil erguidas no início do século XVII.

A eliminação dos elementos que descaracterizavam a feição original do prédio, e impediam a leitura da transposição dos momentos históricos, devolveu à Matriz o seu traço mais importante: a singeleza de um grande templo, com fortes características peculiares da arquitetura religiosa do início do período colonial brasileiro.

Quando da grande restauração ocorrida em 1995, na elaboração do projeto diretriz das obras, a equipe interdisciplinar considerou, no que se refere restauração do imóvel, a busca de um tempo anterior às intervenções ocorridas no século XX.

A antiga Sé é um monumento turístico de fundamental importância. Para além da sua própria história social, é o local onde estão sepultados diversos personagens importantes para a história, a exemplo de religiosos e figuras de destaque, como André de Albuquerque Maranhão, Senhor do Engenho Cunhaú, mártir e herói potiguar de 1817 e que dá nome à praça que fica em frente a igreja e cujo corpo foi descoberto durante as prospecções realizadas no templo, durante a restauração de 1995.

A frente da Matriz passando por restauração

Antigo aspecto da nave central e do altar mor

Arqueológo Paulo tadeu durante escavações em busca dos restos mortais do heróis potiguar André de Albuquerque

Autoridades e estudiosos observam o esqueleto de André de Albuquerque

EVOLUÇÃO ARQUITETÔNICA

O núcleo original da primitiva igreja, constituindo, hoje, apenas o espaço correspondente à capela-mor, foi construído em 1599. É provável que a primitiva capela tenha seguido o modelo corriqueiro da época, ou seja, uma capela de planta retangular com pequenas proporções, cuja fachada apresentava uma única porta de acesso, encimada por um óculo central e frontal triangular.

Algum tempo depois da construção da capela primitiva foi projetada uma nova igreja. Aproveitando-se a capela e original, abre na parede da fachada principal o arco-cruzeiro, que faria a ligação da capela-mor com uma nova nave, inserindo nas paredes laterais dois arcos, com a previsão da construção das capelas, que formaram, posteriormente, o transcepto e o local para os presbíteros. No mesmo período foram construídos os corredores laterais da capela-mor e grande sacristia ao nível do térreo, e cria-se um pavimento superior, com galerias sobre os corredores laterais, aproveitando acesso do antigo consistório. Sobre a sacristia construiu-se um espaço provavelmente destinado à biblioteca. A sineira foi implantada aproveitando a parede frontal da galeria sul.

Após a expulsão dos holandeses, a igreja passou por vários serviços de recuperação. As obras estenderam até 1694. Sempre obedecendo rigorosamente o partido de planta já estabelecido. Foram construídas as capelas laterais. Construiu-se o primitivo corredor do tempo, no lado da Epístola, e uma sineira do mesmo lado, suprimindo a sineira original encoberta pela construção da Capela do Senhor dos Passos. Na porta principal foi colocada uma soleira de pedra, com inscrição da data da conclusão das obras, em 1694. Mantinha ainda a igreja sua feição singela e equilibrada, características da arquitetura religiosa seiscentistas do Brasil. A simplicidade também invadia o templo.

Novos reparos foram compreendidos na Igreja Matriz, a partir de 1786. Nessa restauração a igreja recebeu também vários acréscimos, que somente foram concluídos com a construção da torre, em 1862. Após a implantação da torre, a antiga cimeira foi desativada e converteram em uma única janela os seus dois arcos. Aquela teria sido a obra que concluiria todo o projeto original do tempo, previamente traçado e seguido rigorosamente em todas as etapas construtivas.

As demais intervenções entendidas do tempo, a partir do final do século passado, segundo a equipe interdisciplinar que atuou na restauração, submeteram o edifício a apresentação de uma leitura arquitetônica desconexa e de má qualidade estilista, tanto a nível de fachada quanto no interior.

Os arcos ogivais rasgados na fachada principal, no início do século passado, além de descaracterizar a feição original do templo, forçaram a elevação do coro, transformando as janelas rasgadas em portas com parapeito, e entaipamento do óculo central, deixando sem função a bela cimalha em movimento, sugerindo a existência de um óculo. A platibanda com elementos ecléticos, que arrematava a cobertura em todas as fachadas era incompatível com a feição original do tempo.

O interior da igreja recebeu, no início do século passado, dois altares colaterais de alvenaria, de pseudo gosto neo-gótico, que sobrepunham e mutilavam a cantaria do arco cruzeiro, impedindo a sua leitura e prejudicando fortemente a leitura do espaço arquitetônico, bem como dos arcos as capelas laterais.

Em agosto de 1994 foi iniciado, na igreja, um minucioso trabalho de restauração, cujo projeto foi desenvolvido por uma equipe interdisciplinar, composta por Jeanne Fonseca Leite Nesi, Paulo Tadeu de Souza Albuquerque, Hélio Oliveira, José Luís da Mota Menezes e Olavo de Medeiros Filho. Nessa restauração foram removidos todos os elementos de gosto eclético, impostos a partir do final do século passado. A igreja restaurada foi devolvida à comunidade Natal em 15 de agosto de 1

Procissão do Senhor Morto em 1904

Jazigo de André de Albuquerque Maranhão héroi e mártir de 1817

Pedra localizada na fachada posterior da antiga Sé

ABÍLIO OLIVEIRA

Luxo sobre rodas E SEM CRISE

ENQUANTO A PANDEMIA DE COVID-19 SOMOU CRISE ECONÔMICA EM VÁRIOS SETORES, O MERCADO DE CARROS DE LUXO ALAVANCOU. QUEM CONTA ESSE CENÁRIO É O EMPRESÁRIO ABÍLIO OLIVEIRA, QUE TAMBÉM REVELA OS PASSOS PARA A PG PRIME CHEGAR AO POSTO DE MAIOR REPRESENTANTE DE CARROS PREMIUM DO NORDESTE

Por Aura Mazda
Fotos: Cícero Oliveira

Muito cedo, Abílio Oliveira sonhou que chegaria ao pole position com a venda de carros de luxo. Aos 40 anos, o CEO da PG Prime chegou ao topo do segmento com a maior concessionária de automóveis premium do Nordeste.

Ser considerada a maior concessionária de carros premium no Nordeste e uma das maiores do País inclui trajetória de persistência, empreendedorismo e fé. Foi com esses elementos que a PG Prime chegou ao pódium em 2022 com 18 lojas em quatro estados e representando 14 marcas do segmento de carros de luxo. A mais recente conquista inclui a expansão da marca para o Ceará e o Maranhão.

A primeira loja de carros da PG Prime (Parelhas Gás) foi inaugurada em 2008 em Natal, mas a história do grupo começou décadas antes, quando Marcondes Oliveira abriu o primeiro negócio da família em Carnaúba dos Dantas e, após, em Parelhas, municípios do interior do Rio Grande do Norte. Com Marcondes, seu pai, Abílio herdou conhecimentos sobre negócios e valores que fizeram parte do sucesso que o empreendimento alcançou.

Natural de Campina Grande, Abílio Oliveira morou até os 10 anos em Picuí, na Paraíba. De lá, veio para Natal estudar em escolas melhores. Um ano depois, o pai, a mãe, Lúcia, e os irmãos Rodrigo e Laís vieram também após a abertura de uma distribuidora de gás da família na capital potiguar. Aqui fixaram raízes que permitiram alcançar voos mais altos.

"Sempre vi minha família trabalhando em comércio, nunca pensei em seguir outra carreira porque a referência que tive sempre foram eles. Para mim foi muito produtivo porque via o trabalho que eles tinham para conquistar as coisas e que nada vinha fácil", discorre Abílio.

No comércio da família, a prole sempre esteve presente. Nas férias escolares, o patriarca colocava os filhos para carimbar cheques, recontar cédulas de dinheiro e peças no estoque. O caminho natural era que eles seguissem nos negócios. Hoje, Abílio administra a PG Prime com a ajuda de Laís na direção financeira. Rodrigo comanda a PG Postos. Os três, sob o olhar atento dos pais, que ajudam nos conselhos e grandes tomadas de decisão.

O primeiro negócio de Abílio no setor automotivo começou antes de 2008, com a venda de motos da chinesa Sundown, com representação em Natal, Mossoró (RN) e Campina Grande. Quatro anos depois, surgiu a oportunidade que seria a virada de chave para a família Oliveira: a compra da Land Norte. Com a aquisição, o grupo passou a ser o revendedor oficial da poderosa Land Rover em Natal.

Para fechar negócio, Abílio, na época com 26 anos, apresentou ao pai uma lista com 15 potenciais compradores dos carros de luxo. Surpreendendo o melhor dos cenários, seis meses depois 120 carros foram vendidos. A estratégia foi convencer o cliente através da experiência dirigindo a Land Rover, de que o carro valia o alto preço.

"Na época meu pai me chamou de louco. Foi um tiro muito alto que dei, mas acertei. O que fiz foi investir boa parte do que tínhamos para comprar carros e levar os potenciais clientes para ter experiências com o automóvel. Também mapeamos queixas e demos garantias", diz o empresário. A experiência chamou atenção e em poucos meses Abílio foi chamado para treinar equipes em todo o Brasil. "Viramos case", celebra.

EXPANSÃO

Com planejamento e sucesso de vendas nos dois últimos anos, a PG Prime abriu novas filiais no Ceará e Maranhão. O primeiro estado representa 50% do consumo de carros de luxo do Nordeste. Com a expansão, a PG se torna a maior representante de carros premium na região, representando marcas como Audi, BMW, Volvo, Jeep, Mercedes e Porsche.

"Para nós isso fez com que a ficha virasse novamente, além do frio na barriga que ainda estamos sentindo. Saímos das paradas de ônibus, quando captamos clientes para comprar as motos, depois o marketing de experiência nas praias paradisíacas do RN e agora é mais um passo grande, mas confiantes porque preparamos tudo com muito zelo e estudo", comemora Abílio.

Hoje, o grupo conta com 300 profissionais treinados e 2,5 mil clientes apenas em oficinas. Um dos segredos do sucesso da marca, segundo Abílio, está no bom tratamento dado aos funcionários. Recentemente, a concessionária recebeu o selo Great Place to Work, concedido apenas a empresas em que os funcionários estão satisfeitos com o trabalho.

Os desafios para os próximos anos são a consolidação do grupo nos estados vizinhos e boa performance com a eletrificação de carros, que vem alterando a dinâmica dos veículos de alto luxo e já é uma realidade em países da Europa e aos poucos chega ao Brasil.

VENDAS NA PANDEMIA

Apesar de todas as mudanças causadas pela pandemia de covid-19, o público consumidor dos carros de luxo não deixou de comprar. Segundo Abílio Oliveira, uma das razões pelas quais os automóveis de luxo seguiram sendo comercializados foi por conta da transferência de foco das classes altas. Com a diminuição de viagens e festas, os clientes optaram por investir em carros novos para passear com a família.

Um levantamento da startup Mobiauto, marketplace de compra e venda de carros, mostra que os modelos premium das oito principais marcas do segmento no país, 2020 ou 2021, proporcionaram uma valorização média – entre janeiro e setembro deste ano – de 17,5%. Já a média do mercado em geral foi de 13,4%. O líder é o Mercedes-Benz GT 43 AMG, com um aumento de mais de 60,7%. Esse carro custava R$ 498,5 mil em janeiro de 2021 e hoje vale cerca de R$ 801,2 mil.

Um dos carros mais vendidos durante o período pela PG Prime foi o Jeep, marca de origem japonesa em ascensão nos últimos anos. Os modelos mais desejados foram o Renegade, Compass e, mais recentemente, o Commander.

Em 2021 foi consolidado como o período de maior venda de carros na história da PG Prime em números, recursos humanos, expansão, aumento de clientes e satisfação. "Acabamos o ano com a sensação de dever cumprido. A cada dia que passa os desafios e as responsabilidades só aumentam. É fácil? não, mas fazendo tudo o que sempre sonhei a vontade de continuar só aumenta", define o empresário.

ÍDOLOS

No escritório da PG Prime da BR-101, em Natal, a figura do piloto Ayrton Senna salta aos olhos pela beleza da escultura instalada atrás da mesa, mas também refletem a admiração de Abílio pelo campeão mundial. Além de veloz, Senna conquistou o coração do mundo pela resiliência, coragem e persistência com que perseguia os sonhos. "A tríade o levou ao pódio da Fórmula 1 por diversas vezes e serviu de exemplo para entusiasmar os sonhadores, como foi o caso de Abílio.

Já com o avô Marcos Aurélio, pai de Marcondes, Abílio aprendeu lições valiosas sobre humildade, confiança e respeito a todas as pessoas, indistintamente. São os mesmos valores que quer passar para os filhos Nicole, de 4 anos, e Abílio Filho, 2 anos. É com eles e a esposa Natasha que gosta de passar os poucos momentos de lazer. "O meu lazer é ficar com eles no final de semana, nos feriados, são o meu amor".

PERSONAGENS

O Barão de Ceará-Mirim

D. Bernarda Varela Dantas, nascida em 1821, esposa do Barão

DE DONO DE ENGENHO A INCENTIVADOR DA EDUCAÇÃO, A ATUAÇÃO VISIONÁRIA DE MANOEL VARELA DO NASCIMENTO O FEZ O PRIMEIRO BARÃO DO ESTADO E POR ORDEM DE D. PEDRO II. ALÉM DE CONTADA, SUA HISTÓRIA PODE SER REVIVIDA EM UM PASSEIO GUIADO PELA CIDADE COMO ANTIGAMENTE

Por Ana Caroline Carvalho
Fotos: Guia Francisco Ferreira

O município de Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte, tem gravado na sua história a atuação de um homem que se tornou referência pela sua dedicação ao desenvolvimento, tanto econômico quanto intelectual, da região. Manoel Varela do Nascimento foi o primeiro potiguar distinguido como nobre pelo imperador Dom Pedro II. Reconhecido pelo seu caráter conciliador e personalidade criativa, o Barão de Ceará-Mirim se dedicou a fazer da sua cidade natal uma referência em desenvolvimento, educação e inovação.

Nascido no Vale do Ceará-Mirim, no Sítio Veríssimo, em 1802, Manoel Varela era filho de José Félix da Silva e Ana Teixeira Varela. Antes mesmo de ser agraciado com o título de barão, já era conhecido por estar um passo além nos seus negócios, sendo um dos primeiros proprietários de engenho a utilizar cilindros horizontais na moagem de cana, em substituição aos cilindros verticais, comumente utilizados. Tornou-se também um divulgador da cana de cayenne – 'nordestinizada' como Caiena. A sua ambição ajudou a tornar Ceará-Mirim um dos pilares econômicos da produção de cana-de-açúcar da província, se tornando o segundo município com a maior quantidade de engenhos (42) e muitos desses eram propriedades do barão.

Além de dono de engenho, Manoel Varela também atuou como Alferes do Exército Imperial, presidiu a Câmara Municipal de Extremoz, (1829-1832 e 1837-1840), liderou o comando superior da Guarda Nacional dos municípios de Natal, São Gonçalo do Amarante, Extremoz e Touros (1852), foi deputado provincial (1868-1869) e, durante este mandando, nomeado 3º vice-presidente da Província do Rio Grande do Norte.

Segundo o historiador Anderson Varela do Nascimento "apesar da atuação intensa nas áreas de comando do estado, o que destacou Manoel Varela para o recebimento de um título nobre foi o seu devotamento à causa da educação infantil». Anderson conta que "Dom Pedro II foi um governante constantemente preocupado com a educação e, tendo em vista os relevantes serviços prestados por Manoel Varela à educação em seu município, o nomeou com o título de barão por decreto imperial de 22 de junho de 1874".

O historiador afirma que "o barão ajudava com somas em dinheiro todos os esforços da província no sentido de ampliar a educação. Em suas propriedades Manoel Varela matinha professores que a todos ensinavam. Também contribuiu sensivelmente com a construção da matriz de Ceará-Mirim. Todas essas ações chamaram a atenção dos membros proeminentes do seu partido – Conservador – que o apontaram para o recebimento da alta distinção imperial".

A devoção do Barão de Ceará-Mirim à causa da instrução pública resultou na construção de um estabelecimento escolar em 5 de novembro de 1878. Ele patrocinou a construção de um prédio muito moderno, que doou para a província com o objetivo de sediar uma escola de primeiras letras. O edifício, inicialmente chamado de Casa de Instrução, deu origem ao Atheneu Cearamirinense, primeira instituição de ensino considerada legítima pelas autoridades da província e onde hoje se encontra a Escola Estadual Barão de Ceará-Mirim.

DESCENDENTES

Inspirada na atuação de Manoel Varela do Nascimento em Ceará-Mirim, a família do barão continuou o seu legado na região procurando de formas variadas continuar o desenvolvimento. A dentista Sheila Varella, pentaneta do barão e filha de Roberto Varella, que atuou como prefeito da cidade, conta que desde criança escuta histórias sobre os feitos de Manoel Varela. "Dos mais velhos aos mais jovens, na nossa família sempre escutamos as histórias do barão. Além disso, a família mantém um acervo interessante na Fazenda Nascença com duas pinturas originais, uma do barão e outra da sua esposa, feitas com óleo em tela e uma parte dos móveis como cama, guarda-roupa, mesa e dois cabriolés (carruagens) pertencentes a ele", afirmou.

Roberto Varela, tetraneto do Barão de Ceará-Mirim

Sheila Varella, dentista, pentaneta de Manoel Varela, e seus pais, Roberto Pereira Varella e Maria Elenir da Fonseca Varella

A família também luta para que a história de Manoel Varela seja incluída na grade escolar das instituições de Ceará-Mirim. Sheila afirma que muitas pessoas da região não sabem que a cidade teve um barão, e por isso a sua família luta para que a história de Manoel Varela saia das reuniões familiares e entre nos livros. "Estamos tentando fazer com que as crianças de Ceará-Mirim aprendam mais sobre os feitos dele, para isso colocamos a Fazenda Nascença à disposição para a visita de historiadores, guias ou grupos escolares que queiram saber mais sobre esse pedaço da nossa história", conta.

Além da família Varela, os descendentes também se estendem pela família Sobral, como é o caso de Marilda Sobral, pentaneta de Manoel Varela. Residente no Rio de Janeiro, Marilda conta que apesar do parentesco distante, na sua família as histórias do barão também passam de pai para filho. "Lembro da primeira vez que ouvi falar da história dele através de um irmão da minha avó, que

usava o brasão da família Varela e sempre falava sobre o parentesco. Fiquei curiosa e comecei a pesquisar sobre essa possível ligação. Aprendi muita coisa sobre a minha família", disse.

Em visita recente ao RN, Marilda fez questão de levar o filho Júnior Sobral para conhecer esse pedaço da história familiar visitando Ceará-Mirim e indo nos locais pertencentes ao barão. "Me senti muito feliz em poder ver de perto os locais onde Manoel Varela viveu e os feitos dele para a cidade", finalizou.

Junior Sobral e Marilda Sobral, pentaneta do Barão

Francisco Ferreira

Casa Grande do Engenho São Francisco, última residência do Barão

Engenho Mucuripe

Escola Estadual Barão de Ceará-Mirim, em 1912

MANTENDO A HISTÓRIA VIVA

A vida e os feitos do Barão de Ceará-Mirim foram inspiração para o guia Francisco Ferreira dar um diferencial ao seu negócio e ao mesmo tempo proporcionar aos turistas que visitam a cidade uma experiência única. Durante os seus passeios com os grupos que o contratam Francisco encarna Manoel Varela do Nascimento com direito a vestes e vocabulário da época. "Escolhi representar o barão durante os passeios porque a sua figura tem um nome forte, é um título poderoso e dá uma representatividade marcante à cidade, mostrando respeito e imponência", contou Francisco que encarna o personagem no seu trabalho desde 2009.

Os turistas que escolherem conhecer Ceará-Mirim junto com Francisco podem passear pelos principais pontos turísticos da cidade, provar iguarias da região e visitar as terras que um dia pertenceram

Acervo Instituto Tavares de Lyra

Solar São Francisco, sede do poderio do Barão

Acervo Instituto Tavares de Lyra

Prédio da escola construída sob as ordens do Barão

Cabriolets originais do Barão na Fazenda Nascença

a Manoel Varela do Nascimento. Além disso, para uma experiência completa, Francisco também conta com a ajuda da sua esposa, que encarnou a esposa do Barão, Dona Bernarda Varela Dantas.

"O passeio começa pelo centro histórico, onde os turistas aprendem como era a convivência do barão com os elitizados e como era a época da escravidão. Procuro proporcionar uma visão do período imperial. Seguimos pelos engenhos da região fazendo também uma degustação com caldo de cana, cachaça, mel de engenho e rapadura, almoçamos na casa grande, temos passeio a cavalo, de charrete e, no final, visitamos o museu imperial do barão, que tem objetos que contam a história sobre a época", descreveu o guia.

Sobre a importância de representar um personagem tão marcante e, ao mesmo tempo desconhecido da história local, Francisco fala da paixão que sente em ser um dos responsáveis por levar o nome do barão afora. "Acredito que o meu papel nessa história seja o de trazer à luz o que merece ser valorizado pela gerações futuras. Procuro ensinar o passado para compreender o presente e fazer um futuro diferente", finalizou.

O guia Francisco promove experiência única, e a caráter, para reviver o passado

PSML/Luís Duarte

PORTUGAL

A luz real de Queluz

Jardim Pensil

PALCO DA NOBREZA PORTUGUESA, O PALÁCIO DE QUELUZ É CONHECIDO COMO O VERSAILLES DE PORTUGAL, MANTENDO ATÉ HOJE A SUMPTUOSIDADE BARROCA E CLÁSSICA NOS APOSENTOS QUE OUTRORA VIVEU D. PEDRO I

Por Camila Lamartine
Fotos: Cedidas

Que tal tomar um chá à tarde admirando uma paisagem nada convencional daquelas que costumávamos ver somente nos livros da escola? Ou ainda passear na sala de "beija-mão" onde a princesa do Brasil recebia seus súditos? Caminhar pelos espaços nada minimalistas do Palácio de Queluz é, sem dúvida, imergir-se em séculos de história vivos ao alcance dos nossos olhos, que ficam brilhantes e extasiados tamanha beleza do lugar que foi a residência oficial da família real portuguesa por duas gerações.

O Palácio Nacional de Queluz foi construído no século XVIII como uma casa de verão da realeza e passou a servir de casa oficial após a coroação de D. Pedro III e D. Maria I como reis de Portugal. Localizado em Sintra, a quinze minutos da capital, Lisboa, foi palco histórico da ida da família real para o Brasil, que fugia das tropas do imperador francês Napoleão Bonaparte.

Assim que se entra no local, o convite para a Sala do Trono é feito. Os detalhes dourados encontram o teto nesse espaço que batizou alguns dos filhos de D. Carlota Joaquina e que hoje é utilizado pelo governo português para eventos e concertos administrativos. Seguem-se a Sala dos Embaixadores e ainda a Sala da Música, onde aconteciam concertos e até mesmo grandes óperas exclusivas para o rei.

É possível também visitar os aposentos dos príncipes e da rainha, e o conhecido quarto D. Quixote, onde nasceu e morreu D. Pedro I. No final, um corredor icônico de azulejos típicos portugueses, datados de 1784, abrem alas para os vinte hectares de jardins cuja inspiração recai sobre a França e a mitologia clássica, na melhor tradução do que significa elegância e sumptuosidade.

PSML/Carlos Pombo

Quarto D. Quixote

PSML/Wilson Pereira

Sala do Trono

PSML/Carlos Pombo

Sala dos Embaixadores

PSML/Luis Duarte

Jardim Botanico

Por todo lado que se olha percebe-se o estilo barroco, rococó e ainda o neoclássico, imprimindo o gosto da nobreza europeia dentre os séculos XVIII e XIX, referência no que diz respeito à arquitetura e ao paisagismo português. É considerado Patrimônio Nacional desde o ano de 1910.

Uma xícara de chá e diversos anos de história em cada gole proferido calmamente. Aqui não é preciso pressa, apenas sentar-se e apreciar o que podemos até referir como ancestralidade. Os detalhes falam por si. A exuberância impõe-se por si. A beleza encanta por si. O *Versailles* português pode muito bem passar sem esta analogia, pois tem luz suficiente para ser somente ele: o Palácio de Queluz.

Arquivo Pessoal

LEONARDO LEÃO
Advogado

RETOMADA PÓS-PANDEMIA NOS EUA É OPORTUNIDADE

PARA BRASILEIROS EMIGRAREM, MESMO EM TEMPO DE GUERRA

Com o fim das restrições da pandemia de covid-19, a sociedade americana se vê em um impasse: apesar da alta demanda por produtos e serviços e da economia em recuperação, não há mão de obra para as vagas em aberto. Segundo o relatório Jolts do Departamento de Trabalho dos EUA, foram registradas mais de 11 milhões de vagas no final de 2021. A situação atípica gera oportunidades para profissionais brasileiros, levando suas qualificações e experiências como diferencial no mercado.

Focado em instruir brasileiros que desejam viver em solo americano, o advogado Leonardo Leão falou sobre o momento e as oportunidades para que os brasileiros que tenham interesse em mudar de vida, possam buscar o tão sonhado visto americano. "O alcance da legislação imigratória está muito amplo porque, com o aquecimento da economia dos Estados Unidos neste momento pós-pandemia, todas as profissões têm sido muito demandas", disse o advogado. De acordo com o especialista em direito internacional, as áreas de maior destaque têm sido o campo médico, o tecnológico, e as engenharias. "Mas isso não quer dizer que outras profissões também não tenham possibilidade de obter residência permanente", explicou.

Ao longo de mais de quinze anos, Leão tem realizado um trabalho com resultados expressivos quando o assunto é migração para os Estados Unidos. Considerado um dos principais especialistas no assunto, Leão lembra que a forma mais acertada de se obter o visto de residência permanente, também conhecido como green card, é apostar na honestidade, uma vez que os sistemas são rigorosos. "Não existe escadinha. Americano é muito pragmático, se você cumpre a lei, ele realiza seu processo. Não existiria toda a legislação se não tivessem interesse em contar com os imigrantes", afirmou.

POSSIBILIDADES DE VISTO

Os vistos permanentes para os EUA, são divididos em EB-1, EB-2, EB-2 NIW, EB-3, EB-4 e EB-5. Cada categoria traz diferentes exigências, mas todas esperam que o imigrante comprove interesse e condições de contribuir com alguma demanda da sociedade americana. Para profissionais brasileiros, as categorias EB-2 e EB-2 NIW são as que trazem melhores oportunidades, pois visam justamente suprir carências no mercado de trabalho americano. É o visto que permite ao estrangeiro com uma carreira sólida adquira um trabalho nos EUA e possa viver com sua família no país.

Entretanto, a categoria EB-2 exige que uma empresa americana faça a solicitação do visto por meio de um Labor Certification, provando que não há americanos disponíveis para ocupar a vaga. A categoria EB-2 NIW, por sua vez, dispensa tal exigência. O interessado precisa comprovar que seu trabalho será melhor aproveitado sem que haja perda de tempo com o Labor Certification. A atual situação de vagas em aberto nos EUA é uma porta de entrada para a aquisição de EB-2 NIW.

MESMO COM A GUERRA NA EUROPA...

Mesmo em tempo de guerra, de acordo com Leonardo Leão, o governo Biden tende a facilitar os processos de visto para estrangeiros, algo que era dificultado pela determinação de se priorizar a contratação de americanos pelo governo Trump. “Ele criou empecilhos, então um processo que durava seis meses, hoje leva um ano e meio. O Biden, por adotar uma política mais pró-imigrante, tenta reduzir. Esse ano, os Estados Unidos já começaram a liberar mais vistos, principalmente para os profissionais EB1 e EB”, finalizou.

experimente
É GRÁTIS

Acesso ilimitado a
dezenas de publicações

Informação rápida, simples e barata.

As principais revistas,
jornais e livros em um só lugar!

boraler
publicações digitais

Get it on Google play
Available on the App Store
Disponível também na web

www.boraler.com.br